

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
ESCOLA NORMAL SUPERIOR - ENS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

FABIOLA BATISTA DA PAZ

**EXPER(CI)ÊNCIAS NO PROCESSO (DES)FORMATIVO DE UMA
PROFESSORA**

**Manaus-AM
2018**

FABIOLA BATISTA DA PAZ

**EXPER(CI)ÊNCIAS NO PROCESSO (DES)FORMATIVO DE UMA
PROFESSORA**

Monografia apresentada como
requisito final para conclusão do
curso de Licenciatura em Pedagogia
da Universidade do Estado do
Amazonas

Orientadora: Prof^a Dra. Mônica de Oliveira Costa.

Manaus-AM

2018

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

D111e Paz, Fabiola Batista Da
Exper(ci)ências no Processo (Des)formativo de uma
Professora / Fabiola Batista Da Paz. Manaus : [s.n], 2018.
79 f.: color.; 30 cm.

TCC - licenciatura em pedagogia - Universidade do
Estado do Amazonas, Manaus, 2018.

Inclui bibliografia

Orientador: Profª Dra. Mônica de Oliveira Costa

1. Experiência. 2. Ensino de Ciências. 3. Espaços
não formais . I. Profª Dra. Mônica de Oliveira Costa
(Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III.
Exper(ci)ências no Processo (Des)formativo de uma
Professora

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

TERMO DE APROVAÇÃO

FABIOLA BATISTA DA PAZ

**EXPER(CI)ÊNCIAS NO PROCESSO (DES)FORMATIVO DE UMA
PROFESSORA**

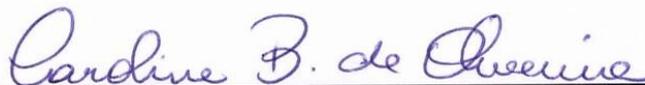
Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Manaus, 05 de dezembro de 2018

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Mônica de Oliveira Costa.
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS



Profa. MsC. Caroline Barroncas de Oliveira.
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/ENS



Profa. Dra. Ethel Silva de Oliveira.
Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CEST

ÁRVORE

Um passarinho pediu a meu irmão para ser sua árvore.

Meu irmão aceitou de ser árvore daquele passarinho. No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu, e de lua mais do que na escola. No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhes ensinavam no internato.

Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.

Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul. E descobriu que uma casca vazia da cigarra esquecida no tronco das árvores só presta para poesia.

No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas.

Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara, envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros. E tinha ciúme da brancura que os lírios deixavam nos brejos. Meu irmão agradeceu a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizade com muitas borboletas.

Manoel de Barros

Aos acadêmicos de Pedagogia e professores do Ensino de Ciências, na esperança de manter o encantamento e valorização ao inventar possibilidades de exper(ci)ências para além do comum, rotineiro e previsível.

À minha Orientadora que esteve comigo nesse processo tão doloroso da (des)construção do caminhar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado saúde, força, foco e fé nesta caminhada na Universidade.

Ao meu noivo, por todo amor, carinho e apoio, pelas noites em claro me acompanhando nesta jornada da escrita desta pesquisa, por sempre segurar minha mão nos momentos difíceis neste processo, e por sempre acreditar no meu potencial.

A minha família, por todo aprendizado, apoio e por respeitarem minhas faltas nas reuniões de família.

Aos meus irmãos e amigos, por todo apoio, amor e carinho que me deram.

A minha querida orientadora, Dra. Mônica de Oliveira Costa, por sempre está comigo nesse processo de (des)construção, por seus ensinamentos, sua maneira poética de falar do Ensino de Ciências, por ter me apresentado a esse tipo de Pesquisa tão encantadora e cheia de desafios, por toda sua dedicação e paciência, por sempre ter acreditado na minha capacidade. Muito obrigada! Você é uma pessoa incrível.

E por fim, a todos os meus professores que fizeram parte nesses quatro anos e meio de formação acadêmica que foram essenciais para minha chegada até aqui, e aos avaliadores que aceitaram estar na banca avaliadora desta pesquisa.

RESUMO

No meu processo formativo de constituição docente e no exercício da docência na Educação Infantil, sempre me incomodou o fato do Ensino de Ciências ser tido como algo de menor importância frente as outras disciplinas. Isto me levou a refletir sobre minha formação escolar e acadêmica a partir dos espaços não formais, isto porque estes têm uma centralidade nas minhas primeiras convicções de desenvolvimento do Ensino de Ciências. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como os espaços não formais podem atuar como Experiência na minha formação como professora de Ciências. Para tanto, tomo a compreensão de Experiência prescrita por Larrosa (2002) que elege o movimento de parar e sentir, olhar o que me passa durante minha trajetória formativa sobre o Ensino de Ciências. Na tentativa de exercitar a docência a partir da exper(ciência), elaboro uma atividade a ser desenvolvida num espaço não formal (numa árvore no estacionamento da Escola Normal Superior) com os acadêmicos do curso de Pedagogia, problematizando as atividades inventadas e dando visibilidade para a diferenciação na abordagem do tema dos cinco sentidos em busca de uma (des)construção da maneira como eu olho o Ensino de Ciências. Esta atividade me possibilitou (re)significar meus conceitos e concepções para além daquilo que é comum e naturalizado como verdade: a natureza, os sentidos e seus órgãos, os parques, as praças. Além disso, me ajudou a compor um novo olhar, a sentir novas sensações a partir do momento que elejo outro ponto de vista, ou seja, a árvore dialogando sobre os elementos necessários para o delineamento do exercício docente mais sensível. Neste sentido, a pesquisa contribuiu para que eu pudesse conhecer outras possibilidades de olhar as Ciências para além do ensinar dentro da sala ou usar os Bosques com suas paradas pré-definidas automaticamente que limitam as possibilidades de exper(ciência) do aluno.

Palavras-chave: Experiência; Ensino de Ciências; Espaços não formais

ABSTRACT

On my formative process of teacher education and in teaching in Early Childhood Education, I have always been bothered by the fact that Science Teaching is considered to be of lesser importance than other disciplines. This led me to reflect on my scholastic and academic formation from the non formal spaces, this because they have a centrality in my first beliefs of development of the Teaching of Sciences. In this sense, this research has as a general objective to understand how non-formal spaces can act as an Experience in my formation as a science teacher. To do so, I take the understanding of Experience prescribed by Larrosa (2002) that elects the movement to stop and feel, to look at what happens to me during my formative trajectory on Science Teaching. In an attempt to practice teaching from the exper (sciences), I develop an activity to be developed in a non formal space (in a tree in the parking lot of the Normal Higher School) with the students of the Pedagogy course, problematizing the invented activities and giving visibility for the differentiation in approaching the theme of the five senses in search of a (de) construction of the way I look at Science Teaching. This activity enabled me to (re) signify my concepts and conceptions beyond what is common and naturalized as truth: nature, the senses and their organs, the parks, the squares. In addition, it helped me to compose a new look, to feel new sensations from the moment I choose another point of view, that is, the tree dialoguing on the elements necessary for the design of the most sensitive teaching exercise. In this sense, the research contributed to my knowledge of other possibilities of looking at the Sciences beyond teaching in the classroom or using the Forests with their automatically defined stops that limit the possibilities of the student's exper.

Key-words: Experience; Science Teaching; Non formal Spaces.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| CAPÍTULO 1 – SOBRE EXPER(CI)ÊNCIAS..... | 13 |
| 1.1 EXPERIÊNCIA E ESPAÇOS NÃO FORMAIS..... | 22 |
| CÁPITULO 2 – EXPER(CI)ENCIA NO MEU PROCESSO (DES)FORMATIVO COMO PROFESSORA..... | 25 |
| 2.1 OS (DES)CAMINHOS DA PESQUISA..... | 26 |
| 2.2 NOTAS SOBRE A (DES)CONSTRUÇÃO DO PROCESSO FORMATIVO NO ENSINO DE CIÊNCIAS..... | 31 |
| 2.3 O (DES)ENCONTRO DA EXPER[CIÊNCIA] DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO..... | 35 |
| 2.3.1 DES)VER..... | 43 |
| 2.3.2 (DES)SENTIR..... | 47 |
| 2.3.3 (DES)FALAR..... | 50 |
| 2.3.4 (DES)OLFATO..... | 53 |
| 2.3.5 (DES)SABOR..... | 56 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 61 |
| REFERÊNCIAS..... | 64 |
| APENDICE..... | 67 |
| ANEXOS..... | 71 |
| ANEXO I - MODELO PRONTO APRESENTADO POR ROCHA E TERÁN DE USO DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS..... | 71 |
| ANEXO II - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM | 73 |
| ANEXO III – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM 2..... | 74 |
| ANEXO IV - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM 3..... | 75 |
| ANEXO V - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM 4..... | 76 |
| ANEXO VI - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM 5..... | 77 |
| ANEXO VII - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM 6..... | 78 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Atividade realizada no Parque Ponte dos Bilhares..... | 21 |
| Figura 2 – Registrada no Estacionamento da Universidade do Estado do Amazonas onde será a atividade com os Acadêmicos de Pedagogia..... | 30 |
| Figura 3 – Convite para a atividade entregue aos Acadêmicos..... | 33 |
| Figura 4 – Entrega dos convites aos Acadêmicos de Pedagogia..... | 37 |
| Figura 5 – Entrega dos convites aos Acadêmicos de Pedagogia..... | 37 |
| Figura 6 – Indo de encontro a nossa Anfitriã..... | 39 |
| Figura 7 – Momento onde as Acadêmicas expressam seus pensamentos sobre os espaços não formais..... | 42 |
| Figura 8 – Movimento de virar de costa e visualizar a partir da árvore..... | 44 |
| Figura 9 – Momento em que as Acadêmicas estavam desenhando | 45 |
| Figura 10 – Desenho da Acadêmica Terra..... | 46 |
| Figura 11 – Desenho da Acadêmica Vento | 46 |
| Figura 12 – Expressão da Vento | 49 |
| Figura 13 – Expressão da Terra | 50 |
| Figura 14 – Acadêmicas olfatando o ambiente | 54 |
| Figura 15 – Registro escrito da Acadêmica Vento dos odores que a árvore tem sentido | 55 |
| Figura 16 – Registro escrito da Acadêmica Terra dos odores que a árvore tem sentido | 55 |
| Figura 17 – Acadêmicas esculpindo a representatividade do sabor sentido pela árvore | 57 |
| Figura 18 – Escultura da Acadêmica Vento | 58 |
| Figura 19 – Escultura da Acadêmica Terra | 59 |
| Figura 20 – A pesquisadora em suas considerações finais no Exercício | 60 |

INTRODUÇÃO

É necessário caminhar. Traçar um itinerário não muito preciso, uma direção, apenas, para os pés. Caminhar passo a passo. Não saber o que é que se vai encontrar por detrás de cada curva, de cada encruzilhada. Caminhar sob a chuva, sobre a lama, até a fadiga. Aguardar as dádivas da fadiga. Buscar um ritmo para cadenciar os pés, o olhar, a escritura. Tocar a cidade com os pés, com os olhos, com as palavras. Deixar-se tocar por ela.
Jorge Larrosa

Quais nossas concepções sobre o Ensino de Ciências? O ensino da natureza? O ensino do ambiente? O ensino dos métodos? De tudo aquilo que cria forma fixa e rígida e se estende a todos? Aos pensadores, militantes, acadêmicos de Pedagogia, professoras de ciências, cabe indagar sobre o Ensino de Ciências enquanto possibilidade de experiência, de resistência, de produzir efeitos incomuns e micros, pôr em movimento. Foram algumas questões aos quais me motivaram a escrever sobre a Experiência, o Ensino de Ciências e os espaços não formais.

Nesses 4 anos e meio, fomos ensinados a pensar dentro da caixa do ensino e a valorizar alguns tipos “corretos” de conhecimento, porém sabemos que há outras possibilidades. Andamos sempre com olhares preocupados, desconexos e agitados. Observando a nossa volta, mas raramente vendo o que realmente importa. Eu, dentro dos diversos olhares que moram em mim, olho com os olhos de professora desconstruída para as perguntas das crianças, para a curiosidade no simples, para as possibilidades que eles criam em lugares impensados como um grande tesouro a ser (des)conhecido.

O interesse pelo tema se deu durante as observações no Estágio onde notei que na área do Ensino de Ciências, as aulas acontecem de modo repetitivo e memorístico. Os professores valorizam mais as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, reiterando uma formação prevista pela sociedade moderna que entende o Ensino de Ciências como “menos importante”. É nessa perspectiva que pretendo problematizar aspectos teórico-metodológicos do Ensino de Ciências na formação inicial de professores no curso de Pedagogia a partir da narrativa da minha formação, onde me utilizo da pesquisa narrativa inventiva para refletir como meu processo foi sendo construído em volta do

sentido de Experiência e busco com isso construir um exercício que possibilite essa Experiência que de sentido, na tentativa de traçar possibilidades outras mais comprometidas com a formação dos alunos.

Ao me aproximar das escolas, procurei observar onde começa o entendimento de que Ciências é uma disciplina de conteúdos simples, básicos, desnecessários e, fui motivada a pensar na minha própria formação inicial tendo o meu percurso formativo como fonte de observação e discussão e a partir disso exercitar o ser professor na elaboração de uma atividade que me possibilitou viver uma **Exper(ci)ência**.

Digo isto porque me permitiu olhar o Ensino de Ciências para além do óbvio: a natureza, o verde, os cinco sentidos, a higiene bucal, a reciclagem, entre outros. E valorizar o pensar, o criticar, o pesquisar e o sentir, fazendo o movimento de uma Experiência.

Dentro do Ensino de Ciências existem muitos aspectos e um desses é o uso dos espaços não formais para atividades educativas que são planejadas e organizadas para serem feitas em lugares fora da sala de aula que envolvem conteúdos de Ciências. Muitos docentes que usam essa metodologia já chegam com um modelo pronto apenas para desenvolver com os alunos.

É nesse sentido que elegi como objetivo geral compreender os espaços não formais podem atuar como Experiência na formação de professores de Ciências, ou seja, desenhei uma atividade que me fizesse pensar sobre minha formação no Ensino de Ciências, sendo que considerei a vivência das acadêmicas que participaram da atividade como elementos de problematização da minha formação.

Para tanto, os objetivos específicos são: narrar os episódios das minhas vivências no Ensino de Ciências a partir do conceito de Experiência em Jorge Larrosa; Descrever uma atividade em um espaço não formal e problematizar como exercício de uma constituição docente como experiência.

Nesse sentido, este trabalho contribui para a desmistificação dos espaços não formais como modelos prontos e organizados em paradas pré-definidas que me levaram a refletir como eu, uma profissional da educação e professora em formação, tenho olhado para o ensinar ciências.

Além disso, possibilitou dar sentido a experiência vivida pelas acadêmicas participantes da atividade no espaço não formal, a partir de seus movimentos de

(des)caminhar, refletindo também na minha formação quanto professora do Ensino de Ciências que busca ensinar para além da forma fechada, memorística e monótona.

Esta pesquisa se justifica também pela possibilidade de reflexão e (re)significação do meu processo formativo como professora de Ciências, me oportunizando o movimento de estranhamento e de desacomodação com termos prontos e definidos, com isso indagando outras possibilidades que permitam esse (des)caminhar.

A **Exper(ci)ência** no Ensino de Ciências tem como base o conceito de **Experiência** de Larrosa (2010), que descreve uma experiência como sendo algo que nos passa e não está do lado da ação, da prática ou da técnica, mas do lado do parar e sentir, por isso que ela nos solicita atenção, escuta, abertura, disponibilidade, exposição e vulnerabilidade.

Nesse sentido, o trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro, com o título de Exper(ci)ências apresento minha trajetória na (des)construção do significado de experiência no qual relato memórias que vão desde a infância até os momentos que vivi na Universidade. Este trabalho traz também esse processo de estranhamento com os conceitos de espaços não formais e descrevo como assumo tal conceito na pesquisa.

O segundo capítulo, com o título de Os (des)Caminhos da Pesquisa trago a narrativa de todo o processo de (des)construção na elaboração da atividade num espaço não formal, assim como faço a tentativa de descrever a exper(ci)ência que vivi nesse processo formativo tão intenso, único e que me fizeram uma professora de ciências tão incompleta. A incompletude que me fez tornar livre para refazer meus caminho já percorridos, que me faz mais disposta ao reescrever-me quando não quiser mais ser o que sou, as palavras me definem e eu não as aceito, pois hoje me definiram e amanhã já me perdi entre palavras, silêncios e poesias.

CAPÍTULO 1 – SOBRE EXPER(CI)ÊNCIAS

“O importante não é a casa onde nós moramos, mas onde, em nós, a casa mora”.
Mia Couto

O que mora dentro de uma acadêmica do curso de Pedagogia?

Moram milhares de pensamentos, de desejos, expectativas, vontades, alegrias e até um pouco de descontentamento, mas acima de tudo esperança de uma vida para sentir. Tudo isso que mora em mim são experiências que durante toda a vida fui vivenciando e atribuindo significado ao que estava passando, deixando em mim algum tipo de sentido, momentos que não passaram despercebido seja por alguma ação, fala ou até mesmo o parar para observar o pôr do sol.

Todas as noites, minha avó me contava histórias de momentos inesquecíveis que ela tinha passado durante sua vida. Esse dom de fazer com que todas as pessoas a escutassem era mágico. Quando ela terminava de contar suas histórias, todos ficavam com uma expressão de fascínio e por onde minha avó passava, as pessoas a admiravam e não tinha nada que ela já não tivesse vivido.

Sempre que minha avó queria me dar uma “lição”, ela contava uma experiência que tinha passado seja como criança, jovem, adulta ou algum momento com meu avô. Apesar de toda sabedoria que ela carregava em suas histórias, os adultos as ouviam apenas como experiências vivenciadas por ela ter vivido muito tempo, apenas eu, como criança, ouvia suas histórias como uma relíquia que levo comigo até hoje, ela dava sentido as coisas, quando falava.

As pessoas já adultas costumam valorizar a experiência como algo que elas viveram e se lembram ou por ter aprendido uma lição. Para muitas delas, quanto mais velho você for ou quanto mais vezes fizer uma determinada coisa mais experiente você será. Como uma criança que ouve os mais “velhos/experientes afim de aprender mais me questionei: Afinal, como surge essa relação de quantidade com experiência? Só tem experiência quem já viveu muito? As crianças têm experiências? E assim se deu minha infância, dividida

entre as lições que minha avó me ensinava e ouvindo falas de que quanto mais velha eu for mais experiente eu seria.

Entretanto, nunca ficava plenamente satisfeita, quando somos crianças *temos a tendência de olhar com mais cuidado o mundo que nos rodeia*, como nos lembra Edgar Allan Poe em seu poema “Só” que retrata uma infância diferente das demais, uma infância que tudo questiona e tudo descobre:

Não fui, na infância, como os outros
e nunca vi como outros viam.
Minhas paixões eu não podia;
tirar de fonte igual à deles
e era outra a origem da tristeza,
e era outro o canto, que acordava
o coração para a alegria. (2009, p.199)

A questão fica ainda mais confusa quando chamo a experimentação de experiência, ou seja, o olhar da experiência que os adultos nos ensinam quando somos criança é substituído pela experiência metodológica que conhecemos ao entrar no Ensino Médio, na qual o professor a partir de um conteúdo programático nos apresenta uma teoria e então se faz a “experiência” para comprovar a validade dessa teoria. Dessa forma, minhas compreensões acerca da experiência foram se desenvolvendo nessas perspectivas.

Quando cursei o 2º ano do Ensino Médio, ouvi pela primeira vez falarem sobre o laboratório da escola. Logo no início do ano, a professora apresentou a ementa e lá explicava que umas das notas do bimestre seria a experiência no laboratório, mas para isso seria preciso três semanas de conteúdo sobre Química orgânica – Álcoois e nomenclaturas e só então depois de compreender como acontecia as ligações é que se poderia fazer uma experiência para determinar o teor do álcool na gasolina. Delizoicoy e Angotti (2000) afirmam que a isso se chama experimentação, ou seja, que dê margem a discussão e interpretação de resultados obtidos com o professor atuando no desenvolvimento de conceitos, leis e teorias envolvidas na experimentação com seus alunos. Ainda assim me sentia insatisfeita, queria entender a experiência a partir das lições e histórias de minha avó sem priorizar a quantidade de histórias vivenciadas ou pela comprovação de que aquilo realmente aconteceu.

Essas mesmas inquietações estavam presentes não só na experimentação usada para ensinar conteúdos, mas na disciplina de ciências

como um todo na minha vida escolar: o acúmulo de conteúdo a ser trabalhado sem fazer com que os alunos refletissem sobre o que está sendo ministrado, sem qualquer dinâmica para que torne as aulas mais envolventes, apenas a mesma rotina e a mesma forma de absorver o conteúdo por meio da decoreba.

Quando entrei na Universidade, eu percebi o quanto eu compreendia sobre a experiência. Quando os professores falavam de suas formações e por todo o caminho que percorreram para estarem ali lecionando, eu só pensava o *quanto de experiência* que aquelas pessoas teriam acumulado, o quanto de coisas eles já teriam feito. Até esse momento, eu me sentia satisfeita com o que eu compreendia sobre experiência, era fácil e comum esse conceito para se compreender.

Porém, meus caminhos entraram em *total colapso* ao ser apresentada a outra possibilidade de compreender a Experiência¹ ao cursar a disciplina de Metodologia do Ensino/Aprendizagem das Ciências da Natureza, no 8º período, pois os textos e as atividades propostas abriram meu olhar a compreensão de que uma palavra pode ter vários conceitos e sentidos. Pude fazer o caminho de volta da conceituação da experiência em minha vida: a experiência como quantidade; a experiência como metodologia para comprovar teorias; a experiência que me (re)significa e que faz ver aquilo que em nenhum momento foi visto.

Nessa disciplina, tive a oportunidade de estudar com duas professoras que trabalhavam com um referencial teórico que nos forçava a considerar outras perspectivas de formação docente e do Ensino de Ciências. Cada leitura e discussão me marcaram profundamente na compreensão de que posso fazer as coisas “normais” de modo diferente.

A partir das minhas vivências tanto como estudante quanto estagiária pude observar o Ensino de Ciências dentro das escolas sendo apresentado de forma muito banal e conteudista. Os professores buscam apenas passar os temas de forma vazia, isolada das outras disciplinas e até mesmo incompleta. O que não promove nos alunos a inquietação, o estranhamento, o sentido que o Ensino de Ciências pode ter para nossas vidas.

¹ Usaremos a palavra Experiência com letra maiúscula quando se referir ao conceito de Larrosa (2011).

Essa Experiência que vivenciei tem como base os estudos de Larrosa (2011) que fala da Experiência como sendo um acontecimento que dê sentido e significado para a vida das pessoas. Para explicar melhor sobre esse conceito, ele transforma em uma simples frase “isso que me passa” (LARROSA, 2011, p.05). Mas para que eu pudesse compreender essa frase precisei primeiro desmembrá-la e analisá-la cada ponto e suas dimensões para que entendesse o papel dessa Experiência na vida e principalmente na minha formação acadêmica.

A primeira parte fala do “isso”, ou seja, é a experiência a partir de um acontecimento; a segunda parte falo do “me” que reflete sobre o sujeito da experiência; em terceiro falo do “passa” que se refere ao objetivo da Experiência, o que ela gera e o que fica, o que posso pensar a partir dela.

O “**isso**” se refere a um acontecimento, pois toda Experiência começa a partir de algo. Esse mesmo algo que não faz parte de mim, não sou eu e principalmente não depende de mim. É o inesperado que causa tanto espanto nas pessoas, pois muitas delas não sabem lidar com o que não se pode controlar, é um *sentimento estranho*. Não existe Experiência sem o acontecimento de algo alheio a mim, não pode ser apropriada por minhas ações, palavras, saberes ou vontades. Sendo assim a Experiência é algo que vem de fora exteriormente e como exterior não pode ser uma apropriação exclusiva de ninguém e apesar de significar acontecimento para a experiência realizar-se não devemos priorizar a ação, mas a relação que o sujeito tem com ela. Mia Couto (2011, p. 103-104), nos ajuda nessa explicação:

Mudança de Idade

Para explicar os excessos do meu irmão a minha mãe dizia:
 está na mudança de idade.
 Na altura, eu não tinha idade nenhuma e o tempo era todo meu.
 Despontavam borbulhas
 no rosto do meu irmão, eu morria de inveja
 enquanto me perguntava:
 em que idade a idade muda?
 Que vida, escondida de mim, vivia ele?
 Em que adiantada estação o tempo lhe vinha comer à mão?
 Na espera de recompensa, eu à lua pedia uma outra idade.
 Respondiam-me batuques mas vinham de longe,
 de onde já não chega o luar.
 Antes de dormirmos a mãe vinha esticar os lençóis que era um modo
 de beijar o nosso sono.
 Meu anjo, não durmas triste, pedia.
 E eu não sabia se era comigo que ela falava.

A tristeza, dizia,
 é uma doença envergonhada.
 Não aprendas a gostar dessa doença.
 As suas palavras soavam mais longe
 que os tambores nocturnos.
 O que invejas, falava a mãe, não é a idade.
 É a vida para além do sonho. Idades mudaram-me, calaram-se tambores,
 na lua se anichou a materna voz.
 E eu já nada reclamo.
 Agora sei:
 apenas o amor nos rouba o tempo.
 E ainda hoje estico os lençóis antes de adormecer

No poema, Mia Couto mostra o desejo que o irmão tem em passar pelas mudanças de idade, da forma que estava acontecendo com seu irmão mais velho. Porém, acontecimentos que nos passam tem suas passagens de formas distintas e igualmente marcante, apesar do acontecimento ser o mesmo, a forma como ela vai ser sentida e exposta faz toda a diferença para a apropriação do momento para sua vida.

Desse modo, quando o irmão mais novo passar pela mesma mudança que seu irmão mais velho, fará de forma distinta pois ele de certa forma acompanhou o processo, mas mesmo assim será um momento único de transição da infância para a adolescência e terá suas próprias experiências, algumas coisas farão sentido, outras não, outras de forma diferente ao passar por essa fase.

O “**me**” que trata do sujeito da experiência, pois mesmo sendo um acontecimento que não depende de mim, ela precisa de mim, de um sujeito que dê sentido, que esteja aberto. A Experiência pode ser um acontecimento que pode afetar o sujeito produzindo efeitos diversos e nunca nos afeta do mesmo jeito e com a mesma intensidade, pois tudo depende do sujeito. Devo pensar nesse sujeito como um alguém único e importante que está aberto para o novo, mesmo temeroso se enche de coragem e recebe, aproveita e absorve para além do conhecer, absorve para fazer parte de si e da sua alma. Como Manoel de Barros (2010, p. 355) expressa em seu poema.

Retrato do artista quando coisa
 A maior riqueza do homem
 é sua incompletude.
 Nesse ponto sou abastado.
 Palavras que me aceitam como sou
 — eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa
 válvulas, que olha o
 relógio, que compra pão às 6 da tarde, que vai
 lá fora, que aponta lápis,
 que vê a uva etc. etc.
 Perdoai. Mas eu preciso ser Outros.
 Eu penso renovar o homem
 usando borboletas.

A experiência e a incompletude tendo seu papel fundamental como cúmplices na vida do sujeito é exposto de forma bem envolvente no poema de Manoel de Barros que expressa a importância e a riqueza de ser um homem incompleto, pois dá a possibilidade do novo e esse novo gera caminhos diferentes para se deixar tocar, para se sentir e fazer sentido. O homem como sujeito incompleto que no decorrer do caminho se constrói, desconstrói e (re)constrói de novo, sempre num movimento de renovação e inovação.

A experiência citada por Larrosa (2002), valoriza a incompletude do homem pois ele nunca está totalmente pronto para tudo, para a experiência lhe tocar deve ser capaz de permitir sentir-se exposto, permitir que te toque para que dessa forma ele também seja receptivo à transformação, às novas possibilidades, novas reflexões e isso só acontece com sujeitos que compreendem a incompletude do ser e não se fecham a frente das possibilidades de se viver, sentir, observar o que ninguém viu levando sempre em consideração que essa troca de experiência que está sempre em movimento não é uma apropriação, mas uma escuta e que o outro permaneça como outro sem que ele se torne um modelo a ser seguido.

O “**passar**” remete ao “resultado” da Experiência, o que ela me tocou, o que ficou do percurso que ela fez nesse movimento de saída e chegada, o que ela foi capaz de movimentar no sujeito sendo comparada até com a paixão. Pois, ao *passar* pelo sujeito deixa vestígios, marcas, reflexões. Não sou mais a mesma, sou outra, agora já *experenciada*.

O sentir da Experiência tem um papel importante, ele lhe mostra o quanto disposto a se deixar tocar eu estou, pode ser que um mesmo acontecimento lhe passe mais de uma vez na sua vida, mas você nunca olhará da mesma forma e nem sentirá o mesmo, pois cada momento é único e importante.

Em decorrência disso, compreende-se a partir da visão de Larrosa (2011) que a Experiência é uma relação com a vida, já que ela é um conjunto do que

nos passa, não a utilizando como instrumento de experimentação, mas sim se colocando num caminho aberto às possibilidades de se permitir sentir, é deixar que esse acontecimento toque naquilo que está lá dentro. Fazendo com que seja um grande movimento de parada e reflexão, sentir o mundo a sua volta e obter um olhar mais apurado dentro da sua realidade e de si mesmo.

Ao pensar nela como formação acadêmica, implica em propor atividades que envolvam a subjetividade do acadêmico, em algo que nos passa. A Experiência em si não pode ser antecipada e nem minimamente planejada.

Porém, essa Experiência possui muitas barreiras que impedem que ela aconteça e uma delas está dentro da própria formação acadêmica inicial que é a quantidade de informação frenética que obrigam o acadêmico absorver durante os períodos se tornando mortal para uma possível experiência que dê sentido, que me toque e me perpassa.

Um exemplo disso acontece quando eu e meus colegas acadêmicos estamos finalizando o período eu me sentia tão sobrecarregada com trabalhos, leituras, atividades que não sobra “tempo” para reflexão, tornando aquele conhecimento apenas momentâneo que possui o objetivo de passar naquela disciplina.

A experiência é substituída pela quantidade de informação absorvida, não dando espaço para entender e dar sentido ao que está sendo estudado pois logo já temos que estar preparado para digerir outros milhões de informações, impedindo o momento entre a Experiência e o sentido de um novo saber.

Outra barreira que a Experiência possui é a opinião, principalmente a opinião ligada a informação excessiva, as pessoas devido a facilidade de informação costumam ter opiniões sobre tudo o que lhe é proposto e muitas vezes isso lhe impede de ver além das informações e opiniões ali expressas. Além disso, é limitante a elaboração de uma opinião a partir da opinião dos outros. A experiência não nos acontece porque somos baseados naquilo que os outros pensam e sentem.

Uma barreira para a Experiência muito comum é o tempo, a velocidade com que construímos nosso dia com as diversas atividades que o preenchem não nos sobra o tempo que nos permite parar, pensar, refletir, apreciar e sentir. Com o avanço dos dias vem a rotina pesada e repetitiva que não sobra espaço

para nada, vivendo roboticamente sempre a mesma coisa, nos mesmos horários em uma correria sem fim.

Os poemas celebram a leveza de ser livre para poder escolher e aspirar as possibilidades que a Experiência pode proporcionar. A mesma possibilidade em que eu participei na disciplina de Metodologia do Ensino/Aprendizado das Ciências da Natureza que proporcionou a turma de pedagogia, no 8º período, onde fomos ao Parque Ponte dos Bilhares que fica próximo a universidade.

No momento em que as duas professoras da disciplina anunciaram o local em que seria desenvolvida a atividade, os alunos receberam a notícia com resistência, pois consideravam o local como comum, conhecido e, portanto, sem uma aparente necessidade de observar, sentir e conhecer.

A atitude dos meus colegas me remeteu a esse poema que mostra, que estamos tão acostumados a essa rotina pesada, a adaptar-se com o que não está bom e nos conformamos com muitas coisas. O poema **“Eu sei, mas não devia”** da Marina Colasanti (2009, p. 53), expressa bem a maneira como nós nos acostumamos com a rotina corrida, como já foi dito anteriormente tornando-se um inimigo da experiência.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude. A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia. [...]

Essa resistência ainda existia durante toda a preparação para o dia do passeio e ao chegarmos no Parque alguns colegas/acadêmicos ainda demonstravam insatisfação quanto ao local, mas logo no início da atividade as professoras tranquilizaram a turma e direcionaram a atenção de todos para o verde, o céu, o cheiro, o som, o tocar das folhas no chão, as cores diversas das árvores, os prédios, a poluição, as pessoas, os perigos, as possíveis atividades...

Nesse momento, todos estavam convencidos que o tempo e o lugar são de certa forma segundo plano: para se permitir passar pela Experiência é necessário estar aberto ao que está sendo proposto, é o movimento de parada, de se deixar sentir e fazer sentido.

Para mim, além do registro fotográfico, se congela em imagem o que passa quase despercebido pelas pessoas. São esses momentos que marcam nossa vida e nossa formação.



Figura 1: Atividade realizada no Parque Ponte dos Bilhares. Fonte: Mônica Costa, 2018.

Garanto que não foi fácil conseguir entender essa atividade sem compará-la com o que passamos tantos anos aprendendo, mas ao estudar o conceito de Experiência a partir de Larrosa (2011) e a vivências dos estágios, eu compreendi a importância dela na vida acadêmica e na das professoras.

Percebi que nossa formação para o Ensino de Ciências, muitas vezes não nos permite olhar como um componente curricular igualmente importante e capaz de humanizar o que está sendo ensinado dentro da escola, aproveitando essa vivência não apenas para atividades prontas, mas como formas de no decorrer de sua vida construir outras possibilidades de lentes, mais vivas e móveis.

1.1 EXPERIÊNCIA E ESPAÇOS NÃO-FORMAIS

Por que quando abordamos o Ensino de Ciências, logo pensamos no viés metodológico? Produzindo uma ação repetitiva de tantos outros professores? Por que não se busca outras possibilidades? Por que, eu quanto professora de Ciências na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, quando pensamos em espaços não formais sempre consideramos os modelos prontos, as estruturas fixas como a ideal? Por que trabalhamos assim? Por que, nós, acadêmicos do curso de Pedagogia que fizemos as disciplinas de Educação e Saúde, Educação Ambiental e Metodologia do Ensino de Ciências já acreditávamos que sabíamos tudo sobre ensinar Ciências? Porque enquanto cursamos as disciplinas fomos sendo formados para saber os conteúdos, onde encontrá-los e quando sentimos uma necessidade de fazer algo diferenciado é só pesquisar na internet um modelo preparado por alguém, já que o “tempo – tic tac” nos impede.

Dentro do Ensino de Ciências existem várias possibilidades de ensino e uma das principais são os espaços não formais, sendo visto por alguns professores e acadêmicos com um meio metodológico de se levar os alunos para um determinado lugar e ensinar um conteúdo específico ali presente.

Geralmente esses espaços são repletos de árvores, animais e tudo que nos faz lembrar a natureza, o científico, o verdadeiro. Além disso, é visto como atraente, pois é algo fora da escola, no qual os alunos mostram muita empolgação.

Para Jacobucci (2008), espaço não formal é todo aquele espaço onde pode ocorrer uma prática educativa. Existem dois tipos de espaços não formais: os espaços institucionalizados, que dispõem, de estrutura física e monitores qualificados para a prática educativa; os espaços não institucionalizados que não dispõem de uma estrutura preparada para este fim, contudo, bem planejado e utilizado poderá se tornar um espaço educativo.

Para Terán (2010), os espaços não formais são lugares que podem ser usados como estratégia para trabalhar conteúdos específicos das Ciências Naturais, dando ênfase ao objetivo das atividades realizadas na visita nesses espaços não-formais para que não acabe se configurando como apenas passeio

e se perca a oportunidade desta trilha provocar os alunos a construção do conhecimento. Utilizando descrições de Parques e Bosques mais propícios para aulas de Ciências em visitas a trilhas educativas.

Muitos professores de Ciências usam como recurso metodológico para ensinar algum conteúdo, principalmente aqueles voltados para os aspectos da natureza que podem utilizar lugares como praças, bosques e museus. Mas será que é aproveitado todas as possibilidades que esses espaços nos proporcionam? O meu exercício foi de estranhamento: olhar para além do conteúdo e do óbvio é realizável fazer? É possível (re)pensar o formato e organização definidos à priori e apenas apresentado para os alunos?

Alguns desses modelos possuem orientações bem específicas e rígidas como de Rocha e Terán (2010) que apontam questões a serem preparadas com bastante cautela dividida em três momentos que incluem: o papel do planejamento, aspecto logístico e aspectos didáticos.

- ❖ O PAPEL DO PLANEJAMENTO: É considerado um papel crucial para o desenvolvimento de atividades em espaços não-formais, sendo pensada em três grandes partes: a preparação da visita que é feita em sala de aula, execução da visita no espaço não-formal e encerramento da visita que acontece em sala de aula. O professor não deve esquecer de considerar conseguir parcerias para realizar a atividade, principalmente os apoios Administrativos, pedagógicos e dos pais que darão uma ajuda maior na organização da visita.
- ❖ ASPECTO LOGÍSTICO: Nesse item são pensados os aspectos logísticos do antes e durante a realização da atividade. São orientações práticas que vão desde o agendamento da visita, sugestões quanto ao transporte até a organização do lanche.
- ❖ ASPECTOS DIDÁTICOS: Propõe orientações didáticas que são importantes para que a visita vá além da concepção de passeio e seja uma estratégia para a melhoria do Ensino de Ciências. Esse aspecto foi dividido em três orientações: Preparação da Visita (no qual professor e alunos trabalham juntos o objetivo da aula, além de motivar a participação, o envolvimento, colaboração nas atividades e interesse pelo conteúdo que será trabalhado) Realização da Visita (o professor, com base no seu planejamento,

desenvolve a ação a partir de paradas em estações específicas para falar de determinado conteúdo); Encerramento da Visita (é considerado um momento bastante significativo e deve ser pensado cuidadosamente, pois é onde o professor ajuda seus alunos a sistematizar as informações que os alunos registraram, orientando-os na construção de conhecimentos acerca do conteúdo abordado). (ROCHA E TERÁN, 2010)

Esse passo a passo é pautado numa concepção de Ensino de Ciências que se aproxima da ideia de experiência como sinônimo de quantidade. Desse modo, ao olharmos essa estrutura construída por Rocha e Terán ² (2010) podemos observar que para tudo tem o seu momento, é algo fechado com começo, meio e fim. Apesar dessa estrutura permitir ao professor fazer com que seus alunos vejam um conteúdo estudado fora da escola, não oportuniza outras experiências, sentir o inesperado e todas as possibilidades que aquele espaço não-formal possui. (A problematização, a inquietação, o movimento através dos conteúdos e do espaço que está sendo utilizado, uma ação de dentro para fora do ser).

Me levando a refletir, será que essas questões foram levadas em consideração no momento da construção da atividade? E essa reflexão ganhou força para que *diferente dessa perspectiva* proposta por Rocha e Terán (2010), para assumir a utilização do espaço não formal como possibilidade de uma reflexão, o movimento de parar e sentir, quiçá se constitua numa Experiência defendida por Larossa (2011).

Minha proposta é de um exercício em um espaço não formal que não é construída a partir de um modelo pronto com pontos específicos a ser observado sem levar em consideração o espaço ao qual ela está inserida, essa atividade é única não se prendendo a uma forma fixa, sua estrutura é móvel e modelável a partir da necessidade de quem está experienciando, além de não exigir lugares ditos “apropriados” para a atividade.

Para tanto, delineio os espaços não formais como caminhos que provocam a sensação, o incomum, o sentimento de estar perdido, de olhar a partir de outros pontos, de outros seres vivos. Uma vivência que não está

² No anexo 1, apresento um exemplo de atividade nessa perspectiva.

totalmente fechada dando oportunidade para a descoberta na qual o sujeito está livre para refletir e pensar o que aquele lugar lhe inspira, toca, faz sentir. Enfim, inauguro o novo ao assumir que os espaços não formais são disparadores de vivências que possibilitem significações e (des)aprendizagens.

CÁPITULO 2 – EXPER(CI)ENCIA NO MEU PROCESSO (DES)FORMATIVO COMO PROFESSORA

O sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos [...], em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal Jorge Larrosa

Neste capítulo, a exper(ci)encia no meu processo (des)formativo será apresentado em três subcapítulos: no primeiro, eu abordo a minha narrativa e me utilizo da pesquisa narrativa inventiva para isso, onde eu falo como se deu meu encontro com essa pesquisa, até então, desconhecida para mim, o que me permitiu construir outra perspectiva para o que eu experienciei. Logo após contarei sobre a escolha do local, considerado tão comum e sem valor para se Experienciar e sentir para mim e meus colegas Acadêmicos ao qual convido para sentir essa Experiência comigo.

No segundo, apresento a minha (des)construção da atividade em um espaço não formal, e lá explico o porquê da escolha de um tema tão clichê e infantil e também minhas dificuldades em (des)construir um exercício que dê sentido, único, móvel, sem estrutura fixa e fechada, que se iniciou desde a escolha do local, passando para o convite até chegar o momento de (des)encontro com nossa Anfitriã.

No terceiro, apresento o meu (des)caminho e levo comigo duas colegas acadêmicas que aceitaram sentir esse Experienciar que proponho ao construir a atividade, é aqui que demonstro passo-a-passo como se deu esse momento através da atividade construída onde apresento como foi desenvolvido o exercício com minha colegas e de que forma isso movimentou o meu olhar dentro do processo (des)formativo como professora.

2.1 - OS (DES)CAMINHOS DA PESQUISA.

Tenho observado que estou tão acostumada a caminhar sempre em direção reta, que não me passava a ideia das curvas e desvios, do novo e inesperado. Neste capítulo, apresento o meu (des)caminhar na pesquisa: os muitos conflitos sobre minha formação e modo de ver o Ensino de Ciências, o afastamento dos caminhos seguros e previsíveis, os novos rumos, os encantamentos, as transformações.

Optei pela pesquisa narrativa porque ela não atende as discriminações classificativas comuns, pois vê o “objeto” a partir do sentido que nós damos a ele, como descreve Chaves (2000), no qual a minha intenção de contar o que eu pude sentir, e o propósito que eu propus se constituem em trajetos do processo de investigação.

Quando me deparei pela primeira vez com a pesquisa narrativa, a minha reação foi de total espanto, por saber que existe a tanto tempo no campo da ciência um determinado tipo de pesquisa e durante todo esse tempo que estive na universidade não havia conhecido e nem ouvido falar sobre ela. E isso me deixou inquieta, como uma pesquisa tão importante e mobilizadora pode ser deixada de lado? Por que as pesquisas mais técnicas possuem mais destaque no âmbito acadêmico? De que modos a pesquisa narrativa contribuirá para a problematização da minha formação como professora?

A pesquisa narrativa para além do ato de se transmitir um relato ou história, é contar e recontar a partir de nós sujeitos que nos vemos como atuantes da história. É compreender o olhar do outro através do seu falar tanto oral, quanto escrito. São relatos de histórias, que ao serem revividas no momento da descrição vão ganhando novo sentido, enriquecendo a memória de quem conta e criando memória para quem ouve com detalhes e ar de cuidado principalmente para quem se expressa, transformando-nos e engrandecendo nosso conhecimento de forma mútua. Cunha (1997, p. 03) explica:

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao "ouvir" a si mesmo ou ao "ler" seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência.

A narrativa me permite construir outras perspectivas na maneira que olhamos para nós mesmos e na maneira que vemos os outros, assim, as narrativas são histórias que encantam e cativam outras pessoas, um pedaço de nós que entregamos entre palavras. Quando Cunha (1997) diz “ir teorizando a própria existência” me mostra que eu quanto produtora desta narrativa posso sentir as experiências alheias como aprendizagem própria e minha existência sendo teorizada a partir do que outras pessoas também sentem, refletindo em mim a (des)construção.

Esses momentos de contar de si e do outro que nos desconstroem reflexivamente, nos levando a análise pessoal/profissional, criando o auto movimento de reconstrução.

- São as minha memórias, dona Benta. - Que memórias, Emília? - As memórias que o Visconde começou e eu estou concluindo. Neste momento estou contando o que se passou comigo em Hollywood, com a Shirley Temple, o anjinho e o sabugo. É um ensaio duma fita para a Paramount. - Emília! exclamou dona Benta. Você quer nos tapear. Em memórias a gente só conta a verdade, o que houve, o que se passou. Você nunca esteve em Hollywood, nem conhece a Shirley. Como então se põe a inventar tudo isso? - Minhas memórias, explicou Emília, são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que deveria haver[...] (LOBATO, 1950, p.129)

Assim como a Emília, graças as minhas memórias eu sou livre para contar-me a partir das significações que dou a minha história, não existem mentiras quando narramos uma história ela vem de dentro seja ela vivida de corpo presente ou de alma, sendo assim, todas minhas memórias me dão infinitas possibilidades que me permite usar a vivências de outras pessoas e agregá-las a mim refletindo minha própria perspectiva.

Nessa pesquisa, busco discutir minha formação escolar e acadêmica sobre o Ensino de Ciências. Especificamente, faço um movimento de discussão que em alguns momentos considero as falas de acadêmicos do 9º período de Pedagogia, para olhar mais detalhadamente para minha trajetória de constituição como professora de Ciências. Desse modo, é válido narrar como as coisas foram se organizando na minha cabeça, entre idas e vindas teórico-metodológicas.

Para Valim (2011), a investigação narrativa é um processo que colabora e compreende a mútua explicação e (re)explicação de histórias, onde se trata de Experiências humanas tendo seu fundamento na experiência vivida e sentida pelo sujeito, “não só com os olhos, mas principalmente com a mente” (ARAGÃO, 1993, p.5), que constitui partes do que somos e da história que contamos de nós.

Percebo que ao longo do trabalho, vou elaborando um olhar diferenciado para o Ensinar Ciências e, esse percurso de (des)construção me questiona sobre minhas concepções desde o ensinar/aprender até ao conceito de espaços não formais. Nóvoa nos ajuda a pensar sobre esse fato quando afirma que “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente ligada aquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino” (1992, p.17).

Ao pensar nos espaços não formais e Ensino de Ciências logo me veio a cabeça locais que lembrem muito a natureza e principalmente um lugar longe da universidade, e assim, aconteceu. Eu logo me interessei em lugares como parques, bosques, espaços específicos e “propícios”, mas previsíveis, e alguns questionamentos ficaram cada vez mais forte: por que essa ideia comum de espaço não formal está tão demarcada no meu entendimento? Que outros espaços poderiam ser pensados para (des)formatar tal concepção? Que conteúdo poderia eleger para atuar nessa desconstrução?

Foram dias de grande reflexão tentando visualizar a atividade sendo feita em possíveis locais, antes (in)pensados, e mesmo que todos os detalhes se encaixassem não me sentia satisfeita e sempre questionava como eu poderia pensar num local, numa atividade, num conteúdo que me mobilizasse possibilidades de Experiência na constituição docente.

Em conversas no grupo de pesquisa³ que participo, uma professora sugeriu realizar a atividade numa das árvores que ficam no estacionamento da Escola Normal Superior, (re)pensando o mesmo movimento que vivenciei na disciplina de Metodologia do Ensino/Aprendizado das Ciências da Natureza ao optar por um espaço comum, levantando a discussão de que o “sucesso” da atividade depende muito menos do local e muita mais daquilo que é proposto.

³ Grupo de Estudo e Pesquisa em Formação de Professores para a Educação em Ciências na Amazônia - GEPEC

Indagando os acadêmicos num bate papo informal sobre as amenidades da vida, perguntei sobre o que eles achavam daquelas árvores. Eles comentaram que tais árvores são difamadas, pois as pessoas procuram esse lugar para fazerem coisas “ruins”, coisas que degradam o ambiente que elas estão inseridas, apelidando-as de diversos nomes como *rotatória da maconha*, *canto da solidão*, *árvore dos backs*, *extensão do Cobras*.

Falaram também que lá é um espaço de *pouca relevância* no qual alguns jovens se reúnem para usar e comercializar produtos ilícitos como drogas e bebidas alcoólicas e atos obscenos. Mas há alunos que usam como refúgio por ser um lugar silencioso, distante das salas de aula e se sentem seguros na sua privacidade para fazerem qualquer coisa que desejarem sem que haja uma interrupção e incômodo de olhares curiosos.

Como eu estava muito interessada em pensar uma atividade que possibilitasse uma outra forma de abordagem do tema Cinco Sentidos do corpo humano, uma dessas árvores poderia me proporcionar a possibilidade desse processo do (des)caminhar junto com o Ensino de Ciências, delineando outras vivências para além de ensinar sobre a natureza tomando a árvore como objeto-vida.

Rodrigues e Chaves (2006, p.208) me ajudam a explicar o que é considerar a árvore um objeto discursivo: “isso implica em tratá-lo nas condições históricas de sua emergência e existência enquanto artefato de subjetivação, assim como princípios que regem sua subsistência e transformação.” Desse modo, a árvore não será tratada como representação de algo nem pelas intenções que estão “por trás”, mas sim “pelas regras que a fazem ser vista como objeto numa dada rede discursiva”. (idem)

Desse modo, ao tomar a árvore nessa perspectiva, emergem perguntas como: O que a árvore diz sobre o Ensino de Ciências? A árvore se ver como espaço não formal? De que modos a árvore usa seus “sentidos”?

Todo esse movimento me deixava inquieta e pensativa, como poderia olhar para a árvore para além de um espaço comum, cotidiano, que não me causa estranhamento? Como poderia usá-la como potência? Como desconstrução? Como aquilo que mobiliza? Inquieta? Tira do lugar? Que pudesse ser experiência? Sendo que passo todos os dias por ela sem nunca a

ver. Precisava olhar com calma, chegar mais perto, olhar os detalhes, o miúdo, desconfiar, desmontar para que pudesse dar sentido a outras possibilidades.

Unindo com o desejo de trabalhar os cinco sentidos, já que é um assunto tão comum no Ensino de Ciências, no qual os professores propõem atividades já padronizadas como provar alimentos, identificar o tipo de textura, outros. Então, a árvore poderia possibilitar o (re)pensar sobre tal assunto.



Figura 2 – Árvore onde foi realizada a (des)construção do olhar registrada no estacionamento da Universidade do Estado do Amazonas.

Foto por: Mônica Costa, 2018.

Manoel de Barros (2000) nos apresenta um poema onde narra a história do seu irmão que atendeu o pedido de um passarinho ao se tornar uma árvore e nesse processo ele aprendeu mais sobre o sol, a lua, o céu, os animais do que dentro da escola, a partir desse movimento ele pôde perceber tudo o que a árvore estava contando através de suas folhas e seus galhos.

Naves (2008, p. 60) expressa bem o movimento que eu quero propor na atividade quando diz ele como um “momento de encontro – o ideal do amador, como se aquele instante correspondesse a um encontro amoroso -, um momento em que o visto e o vidente se deixam permear, sem que nenhum se imponha ao outro”.

Olho para a árvore como um portal para um mundo cheio de (des)aprendizado. Ela que muitas vezes é apresentada como símbolo de resistência e luta pela natureza, que representa a vida que nasce e renasce entre seus galhos e/ou dividindo a mesma terra, a morada de muitos seres vivos, a fonte esgotável de matéria prima. Aqui, vai ser vista como um ser vivo que sente, que é abandonada, esquecida, (re)significada...

Vamos olhar para as provocações dos (des)encontro, pois sabe-se quanto mais perdido se sente mais próximo está de ser encontrado. Dessa forma, reconhecendo-a como um ser vivo que tem um ponto de vista, podemos conhecer sua outra perspectiva de olhar, ao mesmo tempo (des)construindo minha percepção para como tenho lidado com o Ensino de Ciências.

2.2 NOTAS SOBRE A (DES)CONSTRUÇÃO DO PROCESSO FORMATIVO NO ENSINO DE CIÊNCIAS

O conteúdo dos cinco sentidos está presente nos documentos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sendo muito trabalhado na Educação Infantil através dos campos de experiência e desenrolando-se realmente de forma específica e conceitual no 1º ano do Ensino fundamental com o objetivo de compreender suas funções e órgãos responsáveis.

Eu escolhi trabalhar o tema dos cinco sentidos, como dito anteriormente, por ser um tema comum no Ensino de Ciências e ser uma possibilidade de se desenvolver de um modo diferenciado. Depois da escolha do tema, o pensamento logo pousou no convite, como faríamos? De que forma eu poderia mobilizar os demais acadêmicos a partir daquilo que se move em mim?

Em conversa com minha orientadora, decidimos fazer um convite e entregar aos acadêmicos alguns dias antes da realização da atividade. Porém, não seria tão simples, pois optamos por pensar a atividade a partir da árvore e,

desse modo, ela deveria fazer o convite, já que é a partir dela que iríamos vivenciar o novo. Decidimos que não teria muita informação sobre a atividade, apenas informações básicas como dia, horário e local de encontro.

O convite como uma convocação da árvore pode ser recebido com olhares estranhos, pois é algo incomum que não estamos acostumados a ver, eu própria me senti incomodada e instigada para o novo. Valdo Barcelos (2008, p. 73) nos afirma que as crianças “são bastante criativas e imaginativas, o que nos possibilita uma diversidade enorme de alternativas de trabalho se abriremos espaços para a ludicidade e a criatividade”.

Se a criatividade move um faz-de-conta, se insere, se envolve, mexendo com o seu íntimo, porque não fazer esse movimento na formação de nós professores que estamos prestes a nos formar e logo trabalharemos com a criança?

Esse é o movimento que eu queria me propor: olhar os espaços não formais como aquele local que está ali, vibrando possibilidades para o Ensino de Ciências, mas que é muito ausente de nossas compreensões e não nos permitimos ver seja pela recorrência que passamos ali que se torna banal, seja pela correria do dia a dia, seja pelo excesso de afazeres que temos, seja pela ideia de que precisamos de recursos e mais condições, seja falta de costume de apreciar e se deleitar as coisas que nos são apresentadas pela vida.

A árvore exige ser vista por sua vida, por suas possibilidades, pela sua luta diária, pela sobrevivência. Pois, quando nada impede você de crescer, você simplesmente cresce, independente do lugar.

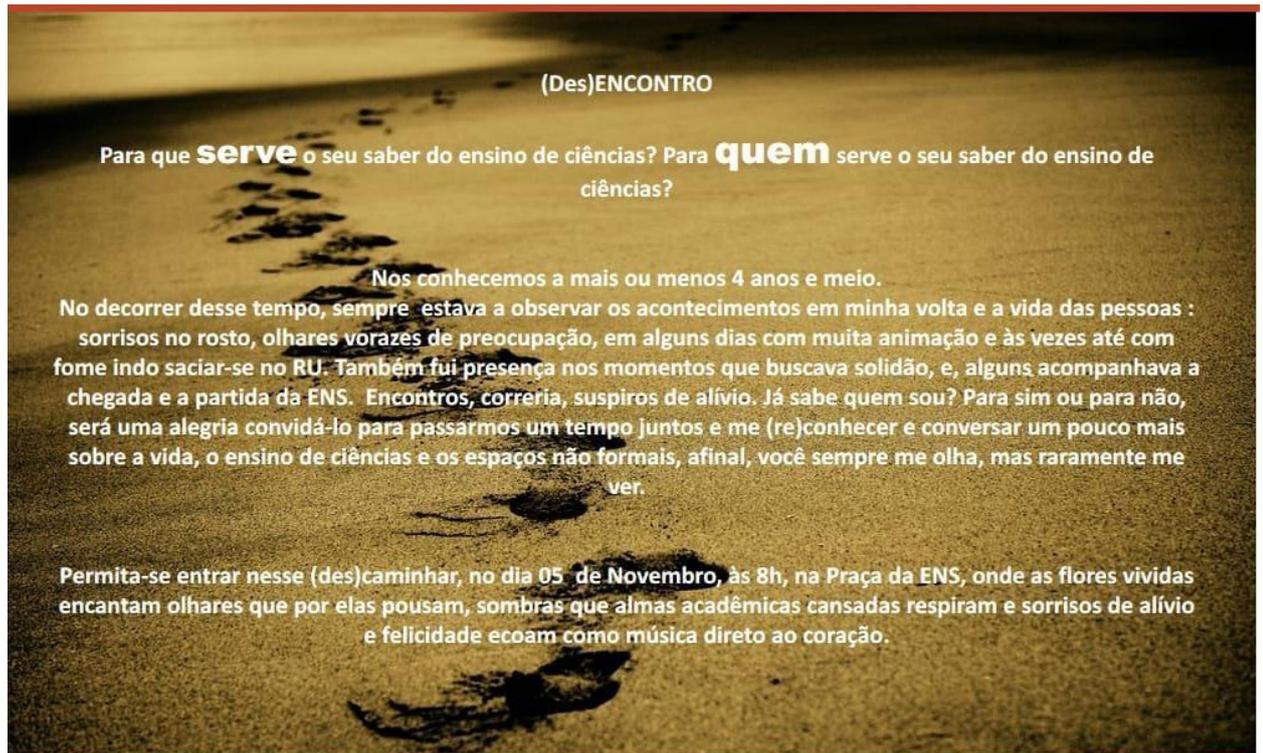


Figura 3 – Convite aos Acadêmicos para a atividade.
Fonte: Fabíola Batista, 2018.

Convite elaborado era hora de pensar na atividade: como podemos organizá-la sem se constituir numa metodologia fechada? Um caminho a ser percorrido tal qual está prescrito? Como pensar numa atividade que possa vir a ser uma experiência? Como podemos incentivar acadêmicos de Pedagogia a verem além do que estão acostumados? Como surpreendê-los e ampliar suas percepções, sendo um lugar comum e pouco valorizado aos olhos de todos os acadêmicos desta instituição?

Esses e muitos outros pensamentos me preocupavam no momento de planejar a atividade, mas com o olhar de alguém que quer problematizar a formação inicial.

A primeira versão foi ainda muito metodológica, extremamente processual, apesar de todo o movimento do (des)caminhar que estava trilhando. Estava ainda muito presa ao passo a passo e de repente me “*sentí travada*”. Afinal, depois de tanto discutir esse modelo fechado me via tentando reproduzi-lo.

Quando eu apresento essa primeira versão dentro deste quadrado, é uma metáfora para uma caixa, algo fechado, sem espaço, uma forma imutável, que apresento a seguir.

1º momento – Ao reunir os acadêmicos na praça da Escola Normal Superior – UEA/ENS, serão direcionados para a porta de entrada e eles terão de guardar qualquer coisa que possa marcar as horas (celular e relógio) e então todos juntos caminharemos para onde a árvore está localizada.

2º momento – Todos serão colocados de costa para árvore e desenharão como ela é a partir da imagem que os acadêmicos se lembram dela.

3º Momento – Os Alunos virarão em direção a árvore e serão questionados se o desenho representava bem ao que estavam vendo e em seguida estimularemos à tocarem na árvore, observando cada detalhe e assim acrescentando ao desenho esses detalhes retratados por eles.

4º momento – Em seguida pediremos que olhem em volta e tentem imaginar tudo o que aquela árvore já viu e ouviu pelo estacionamento da Universidade, e serão instigados a escrever em um papel o que a árvore gostaria de dizer para as pessoas que por ali passam.

5º momento – Pediremos para colocarem no chão tudo o que estão segurando, fecharão os olhos e respirarão profundamente tentando identificar a mistura de odores presente naquele momento, e fazendo questionarem se onde a árvore está localizada é propício e de que forma ela se manifesta através dos odores que estão sentindo.

Como professora que olha para si e para sua formação, ficou claro que eu não teria que usar a estrutura acima descrevendo apenas em momentos 1, 2 e 3, seria necessário muito mais que isso, o trabalho de se montar algo novo é difícil, mesmo estudando sobre a Experiência prescrita por Larrosa (2011). Ainda pensava em realizar a atividade no Bosque da Ciência por acreditar ser um espaço dito correto para Ensinar Ciências e isso acontece devido a forma como fui formatada, mas com os avanços dos estudos toda essa ideia de montar uma atividade com tudo dividido, passo a passo e em um lugar específico foi sendo desconstruída.

O movimento deu início quando eu compreendi que, já que os espaços não formais são lugares que podemos trabalhar o Ensino de Ciências, esse ensino pode se dar em qualquer espaço que me permitisse isso. Desse modo, o foco foi se formando a partir dessas minhas vivências, onde pensei no

(des)caminhar dos Acadêmicos de um lugar considerado normal e a partir dele sentir a inquietação, o estranhamento, olhar para além do simples.

Ao olhar para os caminhos já percorridos sinto a necessidade de refazê-los com o novo olhar que já adquiri até aqui. Janice Zanco (2010), faz refletir sobre como nós educadores devemos ser capazes de preparar nossa própria prática pedagógica, que valorize nossas experiências, subjetividades sem copiar ou reproduzir uma metodologia pronta.

Então construir uma atividade que me permite refletir o que está ao meu redor me (des)construindo das informações “formatadas” no meu caminho de formação, olhando minha própria forma de fazer e pensar nesse exercício, com a ideia da (des)construção dos sentidos.

É importante ressaltar que cada momento da atividade teve uma forma diferente de registro, busquei não repetir para que cada sentido tenha seu meio particular de ser representado como por meio de fotografias, áudios, desenhos, esculturas e escrita. Segundo Alik Wunder (2006, p. 9) que reflete sobre “A linguagem, seja fotográfica, oral ou escrita, deixa de ser considerada como instrumento de expressão e revelação de saberes, mas como uma matéria-prima que dá forma, cor e textura própria aos saberes gerados por ela”.

Vale lembrar que o meu (des)encontro com a árvore, que se deu por meio do exercício, não foi ao mesmo momento que minhas colegas Acadêmicas e sim no momento da sua (des)construção onde bato de frente com muitos modelos já fixo que tanto reproduzi, mas isso não quer dizer que desconsiderarei o que eu ver e ouvir ao trabalhar esse exercício com outras pessoas isso só acrescenta a minha Exper[ciência].⁴

2.3 O (DES)ENCONTRO DA EXPER[CIÊNCIA] DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO.

Este (des)encontro estará em movimento em duas partes: a primeira eu irei discutir o que os acadêmicos viram a partir do meu ponto de vista, e depois é o que eu olhando a árvore, reconhecendo ela quanto ser vivo, ver de onde ela está.

⁴ No apêndice 1, apresento minha (des)construção e (des)encontro por meio do exercício.

Os nossos movimentos de (des)caminhar entre as atividades foram se misturando, se relacionando e nem tudo descrito aconteceu exatamente nesta ordem, mas o aproveitamento dos Acadêmicos e a minha realização de ter participado deste momento com eles foram de grande proveito para a minha vida profissional.

Para que compreendamos o Ensino de Ciências como importante sendo valorizado tanto quanto Língua Portuguesa e Matemática e o espaço não formal para uma experiência que faça sentido e toque a vida dos alunos não precisa ser necessariamente um lugar longe e sofisticado, abramos nossos olhos para aquele canto que ninguém parece ver, aquele parque que todos desistiram de potencializá-lo, aquela área esquecida e desprezada.

Como Doederlein (2017, p. 15) diz em seu livro de ressignificados onde ele desconstrói o significado comum da palavra Astronauta.

astronauta (s.m. e s.f.)

É quem chega aonde quer. Ou quem foge do mundo rotineiro para se encontrar. É quem sabe que somos viajantes de nós mesmos em órbita das cidades em que vivemos e que, algumas vezes, corações colidem uns com os outros. É, às vezes, se sentir sozinho no mundo. É quando percebemos que não somos o único planeta buscando um lugar ao sol. É quem, quando ouviu dizer em que o céu era limite, pisou na lua.

Nesse (des)encontro fomos Astronautas que buscamos renovar o comum, o rotineiro que já não nos causa estranhamento e este movimento começou com a entrega dos convites aos acadêmicos. Eu me senti tão nervosa a princípio e ao vê-los abrindo e lendo atentamente cada palavra do convite eu esperava e analisava cada gesto e reação ao tentar decifrar quem estaria convidando-os.

Mas foi também um momento de alívio ver que finalmente vivenciaríamos justos a possibilidade desse Experimentar, parar, sentir, olhar para além do buraco da fechadura, e por fim me senti alegre pelos sorrisos de apoio que todos deram. Foram entregues convites também em forma digital para acadêmicos de Pedagogia de outros turnos.



Figura 4: Entrega dos convites aos Acadêmicos de Pedagogia.
Fonte: Singrid Silva, 2018



Figura 5: Entrega dos convites aos Acadêmicos de Pedagogia.
Fonte: Ana Paula Gomes, 2018.

Tivemos muitas dificuldades devido a quantidade de feriados e pontos facultativos no calendário, mas depois de tantos empecilhos, a data foi marcada definitivamente para o dia 05 de novembro de 2018, às 8 horas da manhã, não poderíamos mais adiar.

Ao chegar o grande dia, eu já me via revisando todas as indagações pela milésima vez, a manhã não poderia estar mais propícia para uma atividade ao ar livre com o céu nublado e ventos gelados que beijavam a pele ainda quente, o relógio apontou 8 horas e fui até o local de encontro e logo avistei uma das

convidadas a minha colega Acadêmica 1 e me juntei a ela para esperarmos os outros colegas chegarem.

Se passaram minutos e ninguém mais chegava então comecei a mandar mensagem a todos os colegas acadêmicos procurando saber do motivo do atraso e se alguém ainda chegaria. Nesse momento fui invadida pelo sentimento de desânimo por não ter conseguido, talvez, envolver e chamar a atenção nos convites, se passava trinta minutos da hora marcada no convite e comecei a pensar na possibilidade de adiar a atividade, já que a maioria havia sinalizado imprevistos que impossibilitavam a presença deles, enquanto eu pensava em outros meios de realizar a atividade chegou outra convidada a Acadêmica 2

Com a chegada da minha outra colega Acadêmica 2 veio a sensação de esperança, e comecei a acreditar que a atividade poderia sim ser realizada naquele lindo dia, mas não chegou mais ninguém e novamente ponderei o adiamento para um dia onde os Acadêmicos estivessem todos reunidos na Universidade.

Conversando com a Acadêmicas que foram papéis importantes para a decisão de realizar a atividade pois me apoiaram seja qual for a escolha que fizesse e se mostraram tão curiosas e envolvidas me fazendo refletir, caso eu preferisse adiar a data talvez eu perdesse essa empolgação que elas estavam demonstrando naquele momento e não seria justo com elas que disponibilizaram seu tempo para estarem ali conosco (comigo e com a nossa Anfitriã da Atividade), eu particularmente me senti muito motivada com a presença delas e seu apoio.

Em comum acordo decidimos realizar a atividade e em seguida já pedi para guardarem o relógio e o celular dentro da bolsa para que nada interferisse nesse momento. A partir de agora nossas acadêmicas receberão pseudônimos, a Acadêmica 1 será chamada de *Vento* pois sua percepção não se prende numa forma e sua fala é sempre voltada para o sentir. A Acadêmica 2 será chamada de *Terra* pois durante toda a sua participação demonstrou ter uma visão mais fixa e concreta, voltada para a natureza da forma que vemos e de como deveria ser.

E assim seguimos em direção a nossa Anfitriã, no meio do caminho perguntava a elas se sabiam quem era o remetente do convite e se sabiam para onde estávamos indo. As respostas foram bem vagas e tímidas ainda, mas isso

vai se desenvolvendo com o decorrer da atividade e assim fomos seguindo o rumo das coisas.

Enquanto andava com elas eu sentia uma inquietação muito grande como se eu tivesse descoberto uma passagem secreta e eu estava indo mostra-las, como se descobríssemos um segredo que precisasse ser descoberto por todas as pessoas. “Nessa estrada que não se vai nem se volta, um caminho para apenas desaparecermos”. (COUTO, 2016)



Figura 6: Indo ao encontro a nossa Anfitriã.
Fonte: Mônica Costa, 2018.

Logo que chegamos já sentimos um odor presente ali que era das mangas caídas no chão em fase de putrefação e surgiu a conversa sobre os diversos odores ali presentes, me fez sentir tão animada em ver que a percepção ao nosso redor estava bem sensível.

Como foi dito, durante todo o caminho entre a Praça até chegarmos ao nosso encontro conversamos sobre quem teria nos convidado para um (des)encontro e ao chegarmos lá a surpresa ao descobrir que nossa Anfitriã não é nada menos que A árvore que fica no estacionamento esperando para ser vista e ouvida pelas pessoas que passam todos os dias preocupadas com os seus horários que não dão oportunidade dela se fazer presente.

Quando as observei atentamente foi interessante ver no rosto uma mistura de expressões como de óbvio – já imaginava que tinha algo relacionado com natureza, com a expressão de espanto – como uma árvore pôde nos convidar?

Como ela fará essa interação conosco? E a partir dela pensar nos cinco sentidos? Como fazer se não tem olhos, boca, nariz? Essas foram impressões minha ao observar suas reações.

Ao serem indagadas sobre o que pensam ser os espaços não formais, Terra e Vento tiveram suas respostas muito parecidas:

-“Eu acho que espaços não formais eles são muito importantes para o Ensino de Ciências e muito proveitoso, principalmente para as crianças que ficam muito empolgadas e acabam prestando mais atenção ao que está sendo ensinado”. Diz Vento e Terra concordou.

Naves (2008, p. 64) afirma que “uma realidade cuja significação deve resultar de um cruzamento de olhares e que, portanto, estará sempre um pouco para lá do que apenas um olhar pode perceber”, nos dando a oportunidade de cruzar olhares e complementar um o olhar da outra.

Enquanto estávamos conversando eis que fomos agraciados pela aparição de um lagarto e isso animou, a todos nós, pois esse tipo de coisa faz com que o momento se torne único.

-“ (sobre a aparição do Lagarto) É esse tipo de coisa que não acontece aos estarmos em sala de aula, fora que só o ato de sair da rotina já é muito positivo.” Diz Terra.

Posso pensar que o inesperado faz parte do Ensino de Ciências, percebo em suas falas que quanto mais diferente da sala de aula melhor será o aproveitamento dos espaços não-formais, enquanto observava suas falas muitas vezes já me peguei tendo esta mesma linha de raciocínio que considera o uso dos espaços não formais como uma metodologia produtiva para se ensinar ciências da natureza.

A própria formação alimenta este modo de pensar “seja através da já deferida visão Antropocêntrica, seja através do zoocentrismo, termo associado ao distanciamento e desvalorização das plantas” (MENEZES, SALGADO e SILVA, 2018, p. 6), e enquanto eu construía o texto sobre a experiência e os espaços não formais, ficava me questionando que tipo de Ciências? E ao construir a atividade, o verde e a natureza não eram mais tão óbvios assim para mim.

Quando pergunto sobre as possibilidades que a nossa Anfitriã pode nos proporcionar, quais as perspectivas para o uso desse local a partir dela (a

árvore). Mesmo sem que soubessem ainda o conteúdo que trabalharíamos e já motivando para o “e se?”, e se a árvores pudesse falar? E se a árvore pudesse ver? Teria muitas histórias para contar?

A Terra se atentou bastante para a “aparência” da árvore que parecia muito desgastada, cansada, como se esperasse para ser vista já que ela está aqui antes mesmo de nós, afinal como ela mesma comenta sobre o fato de que todas as vezes que fizemos alguma atividade “fora” nunca fizemos o movimento de olhar o nosso fora, ou seja, fora da nossa zona de conforto, fora da nossa perspectiva, fora da nossa rotina.

Menezes, Salgado e Silva (2018) fala da dificuldade das pessoas de desvincularem as plantas para além da paisagem, ignorando sua importância em nossa vida cotidiana e olhando-a apenas como plano de fundo para a natureza, que denominam Cegueira Botânica.

Eu também não olhava, mesmo nesse tempo em que estive na Universidade ainda não tinha me permitido experienciar esse movimento de parar para olhar o meu fora que sempre está presente na minha rotina, esse mesmo ambiente que eu não reconhecia como um lugar onde eu pudesse redescobrir e reconstruir a minha formação e o meu olhar para o Ensino de Ciências.

Apesar de compreendermos o conceito de Espaços não formais nunca nos permitimos olhar para dentro dos lugares ao qual estamos habituados, afinal não estamos acostumados a nos incluir como sujeitos ativos nesses momentos, eu sempre pensei que esse exercício seria melhor se produzido para que os outros participassem e quando eu me envolvesse poderia de alguma forma influenciar neste movimento.



Figura 7: Momento onde as Acadêmicas expressam seus pensamentos sobre os espaços não-formais e as possibilidades que temos neste ambiente.

Fonte: Mônica Costa, 2018.

Depois desse momento de compartilharmos ideias e concepções, seguimos para a apresentação da temática da atividade que é sobre os Cinco Sentidos, por ser um tema muito comum na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental que não nos reflete o pensamento de trabalhar com os acadêmicos sendo considerado um assunto tão infantil, por mais trabalhado com crianças, que se restringe ensinar o conhecimento do corpo, dos órgãos do sentido e função

Mas como nós acadêmicas reagiremos ao nos movimentarmos nessa atividade que trabalha os sentidos? O olhar a partir da árvore, como ser vivo, que olha, nos observa, nos critica, que senti, sendo exercitada no mesmo movimento que o Jaleco, da autora Luciane de Assunção (2016, p. 203) onde ela escreve a confissão do jaleco que mostra as representatividades que ela possui para além de sua forma.

“Posso ser A Norma A Regra
A repressão e ao mesmo tempo
A incitação a falar do corpo
Que é o produto da subjetivação
De um corpo que é explosão discursiva...”

Esse pensamento da Árvore me faz pensar nela como símbolo da natureza, a resistência, a morada, a comunhão, fertilidade, de como é a sua

essência, são formas que muitas vezes usamos para existenciá-la em nossa vida.

Eu queria estender esse pensamento para a forma que ensinamos Ciências, sendo um movimento de Metamorfose e resistência para nosso próprio conceito do que seja essa disciplina do Ensino de Ciências e que não se feche em apenas uma definição, mas seja representada como uma infinidade de possibilidades.

Neste primeiro momento, fomos levadas pelo movimento de (des)ouvir como algo que sempre trabalha em conjunto com os outros sentidos o fato de vermos, sentirmos, falarmos, paladarmos, oufatarmos a partir da árvore é uma forma de ouvirmos, de sentirmos, de vermos para além da representatividade da Natureza com tronco, folhas, raízes. Refletimos sobre o que ela, nossa Anfitriã tem escutado, presenciado, vivido durante todo esse tempo? Conversas, segredos, fofocas?

Dessa forma todo movimento que fizemos a partir da árvore foi buscando pensar nela com um ser em nosso meio, que independente de como ela se apresenta aos nossos olhos é um ser que está presente no meio de nós de forma ativa.

A seguir apresento os tópicos onde eu busco (des)construir os Cinco sentidos (visão, tato, audição, olfato e paladar), para um olhar mais impreciso e diferente do que estou tão acostumada a ouvir e ensinar.

2.3.1 (DES)VER

Quando eu preparava essa atividade eu pude perceber o quanto valorizamos o ver e desvalorizamos o olhar, ou seja, o ver é a forma que o nosso olho capta, mas não nos atentamos; o olhar que vê além do que está por fora, ver o íntimo, o que de dentro pode oferecer para o que está fora.

Olhos, vale tê-los, se, de quando em quando, somos cegos e o que vemos não é o que olhamos, mas o que o olhar semeia no mais denso escuro” (COUTO, 2016; 51).

O que será que a árvore tem visto ou olhado?

“Agora olhando pra esse calango, imagino o tanto de possibilidades que a árvore deu para que vidas existissem entorno dela, de repente quantos ninhos foram feitas em cima dela, quantos filhotes de passarinho e filhotes de outros animais ela abrigou da chuva e do sol”. Cita Terra.

“E também serve como suporte para outras plantas que alimentam dos mesmos nutrientes”. Completa Vento.

Quando pensamos na quantidade de pessoas que a árvore viu por toda sua vida podemos recordar de todas as vezes que passamos por ali com pressa, angustiado, aflito, aliviado, indiferente e não damos atenção para o que sempre esteve ao nosso redor. Ao pensarmos como esta árvore, o que será que ela pensa ao ver muitas pessoas presas na sua rotina, preocupada apenas com os seus problemas?

Eu sempre observei, baseada nas minhas atitudes e nas das pessoas que convivem comigo, que nós queremos ser vistos pelo o que somos e não pelo o que a aparência mostra. A nossa Anfitriã também quer ser vista não pela sua forma, mas pela sua essência e por isso as Acadêmicas viveram a possibilidade de olhar como ela é por dentro ao virar de costa para árvore, nos permitiremos encantar e senti-la como é no seu íntimo.



Figura 8: Movimento de virar de costa e visualizar a partir da Árvore, do que ela vê.
Fonte: Mônica Costa, 2018.

Esse movimento me faz entender a fala de Larrosa (2011), onde ele expressa que não estamos nos apropriando da árvore, mas uma escuta onde a árvore fala de nós permanecendo como outro sem que esta atividade se torne um modelo a ser seguido.

Depois que elas visualizaram mentalmente, as Acadêmicas desenharam o que a árvore representa desmistificando sua forma que nossos olhos conhecem com troncos, folhas e galhos.



Figura 9: Momento em que as Acadêmicas estavam desenhando. Fonte: Mônica Costa, 2018.

No começo fiquei bem preocupada por não ter um lugar específico para desenharem e isso não foi um empecilho, logo achamos um meio-fio que estava coberto por mato e lá elas sentaram e produziram cada uma um desenho e as duas pareciam bem concentradas.

Me senti realizada e motivada com a atividade, esse movimento poderá possibilitar em nós um novo olhar para o Ensino de Ciências, que assim como elas estão desenhando uma representatividade que fuja do comum que como profissionais construamos um olhar para o Ensino de Ciências para além dos conceitos e conteúdos.

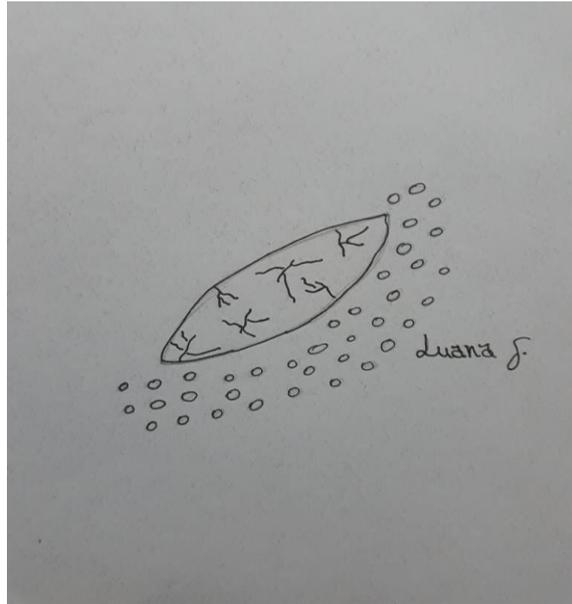


Figura 10: Desenho da Acadêmica Terra.
Fonte: Fabíola Batista, 2018.

Quando indagada o porquê deste desenho ela respondeu que antes de ser árvore ela foi semente bem pequena que precisou de terra, ajuda do tempo, cuidado, atenção do sol e da chuva para que ela pudesse brotar, a Terra traz a semente e a terra como sinônimos de possibilidades pois dali pode crescer qualquer coisa.

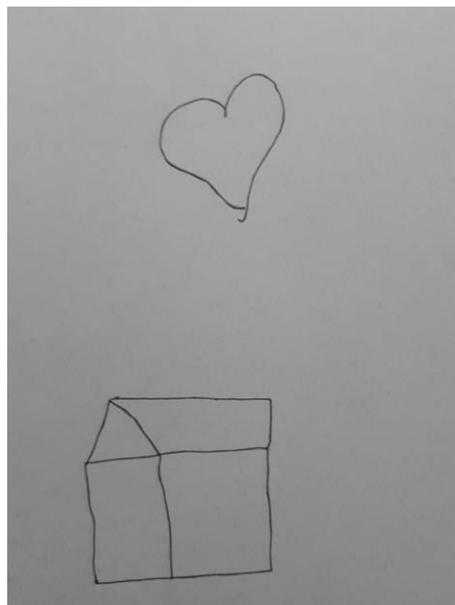


Figura 11: Desenho da Acadêmica Vento.
Fonte: Fabíola Batista, 2018.

Quando indagada o porquê dessa representação ela explica cada desenho, primeiro o coração que representa a vida e a presença de sentimento assim como a árvore que já presenciou tantas e uma casa que é morada onde residem várias vidas como o lagarto que vimos no começo da atividade, a outra árvore que está crescendo em volta dela e ajuda no solo fértil.

Eu senti nos dois desenhos a especificidade de cada uma: Terra que expressa a razão, a firmeza, centrada com o cuidado com a natureza e suas convicções quanto seu entendimento sobre esta árvore, e por outro lado temos a Vento que não se prende a uma forma específica, pelo contrário, ela expressa muito o sentimento e a sensibilidade da árvore, do que ela pode sentir e sua emoção ao estar viva ou por ter vivido durante muito tempo.

Quanto professora, eu vejo que quando conseguimos pensar a partir do outro, seja a árvore ou seja um aluno, conseguimos ter mais empatia pelas pessoas, dentro da sala isso me mostra quando percebo que tenho algum aluno com dificuldade e ao invés de excluí-lo faz-se o movimento trazer para mais perto de mim, pensando em outras formas de ensinar, de transformar, isso se dá porque eu tento me pôr no lugar daquele aluno, desmistificando a sua forma e olhando para seu íntimo visualizando a potencialidade e a possibilidade que ele terá pela frente.

Enquanto retornávamos para próximo da nossa Anfitriã outras questões foram surgindo como sobre a importância dos Carrapichos para a criação do velcro e isso se deu pela lembrança da Acadêmica Vento que esteve em uma Formação onde o palestrante relata o fato de que o carrapicho fez parte de sua infância e ele nunca parou pra pensar que a partir dele se produziu o velcro. Quantas coisas importantes deixamos passar por não “prestarmos mais atenção”? Ao terminar essa atividade é esse sentimento que gostaria de me ater: o despercebido.

2.3.2 (DES)SENTIR

Enquanto pensava no tato me dei conta de que vai além do toque de pele, ele tem sua representatividade que pode ser carregado de significado como um afago, fúria, resistência, luta, afeto. Quando tocamos em alguém nunca é uma atitude por mero reflexo e isso acontece mais explicitamente quando estamos

perto de pessoas que tem uma conexão muito profunda conosco, pois esse toque vem carregado de sentimento para ser transmitido através desse contato.

Então refletimos se a árvore sente falta desse contato que transmite toda uma história de sentimento, uma conexão com as pessoas que diariamente observa. Se ela sente falta, quais outros sentimentos ela está sentindo nesse momento ao nos ver aqui? O que ela tem sentido durante todos esses anos em que esteve aqui?

A Terra acredita ser algo muito difícil de se pensar já que não fomos nem educados para cuidar de uma casa, quem dirá ter esse tipo de olhar pois sabemos que ela é um ser vivo, mas não fomos educados a isso de olhar essa sensibilidade toda, mas em falar de sentimentos ela estaria muito feliz em nos encontrar aqui, pela companhia, por estar sendo apreciada, sendo ouvida e de certa forma ela está nos escutando também.

De certa forma até concordo com ela, no decorrer de nossa formação fomos construídos a não nos deixarmos tocar pelos alunos, agir sempre de forma muito profissional e isso torna a sala de aula vazia sem a presença do sentimento, do gosto de ensinar.

As crianças precisam ver o compromisso político que temos pela educação em nós e se não houver esse (des)sentir como elas conseguirão aprender conosco? Já que como cita Perissé (2006, p.102) “educar não é adestrar ou instruir. É inspirar. Fazer da aula uma obra prima [...], pois somente pessoas (diria professores) que buscam seu aprimoramento conseguem atuar como mestre inspiradores”, sabendo disso nós acadêmicas devemos buscar esse toque inspirador que nos faz ver o Ensino de Ciências como parte importante no ensino e aprendizado da Criança, e quem se inspira sempre se reinventa.

Quando pensamos a partir de árvore: como ela se sente ao ver todas as pessoas que chegam e que vão embora sem ao menos parar para observá-la? Em unanimidade, as acadêmicas responderam que é o sentimento e o desejo de ser cuidada, de ter um olhar atencioso, com carinho, o cuidado que ela recebia enquanto realizávamos nossa atividade, mas esse cuidado surgiu agora e antes? E antes estava esquecido como se não fizesse parte daquele local.

Muitas vezes nós queremos tanto lutar pelo cuidado da Floresta Amazônica, mas não paramos pra cuidar dessa árvore que parecia tão

desgastada e necessitada. Eu imagino a quantidade de pessoas que receberam o convite e não se permitiram cuidar da árvore que existe dentro de cada um de nós que merece ser regada, podada, cuidada.

Nós como acadêmicas temos nossos próprios afazeres também e acredito que como professora pesquisadora e árvore eu sentiria uma pena pelos acadêmicos que se deixaram levar pela quantidade de tarefas que o tempo nos afoga e não se permitiu o parar, o sentir, o respirar.

Agora seguindo esse sentimento que estávamos experienciando ao nos conectarmos com a árvore cada acadêmica teve sua expressão que revela este sentimento registrado em fotografia.



Figura 12: Expressão da Vento.
Fonte: Fabiola Batista, 2018.

A Vento escolheu uma expressão de negação que reflete a insatisfação, ela acredita que a árvore se sente abandonada, pois é muito idosa e frágil, se fosse uma árvore mais jovem ou frutífera com certeza ela teria mais gente para cuidá-la.



Figura 13: Expressão da Terra.
Fonte: Fabíola Batista, 2018.

A Terra expressa de forma positiva o sentimento da árvore, ao estarmos ali dá esperança de que o esquecimento não é uma opção, que ainda existem pessoas que se permitem possibilitar o novo com o que já estávamos acostumados.

Como eu disse anteriormente duas formas de se expressar distintas, as duas se conectaram de forma diferente com a árvore, e isso torna esse exercício uma (des)construção maior para mim. Eu tenho a oportunidade de observar esses dois olhares e em muitos momentos em que a Terra falava eu me identificava, são pensamentos que eu tinha no início da construção da atividade, e o Vento expressa sem sua fala os sentimentos e a sensibilidade que de certa forma venho construindo durante toda a minha formação acadêmica, são olhares que nos proporcionam pensar em muitas possibilidades para se ensinar ciências.

2.3.3 (DES)FALAR

Quando chegou o momento do (des)ouvir eu queria que fosse representada para além do simples ouvir, já que de certa forma todos os outros exercícios são uma forma de ouvir a árvore, então optei por usar outro aspecto da audição que é a fala, porém não me preendi a voz ouvida, aos sons que as

palavras soam ao sair da boca, mas valorizei a voz interior, aquilo que está dentro.

Essa voz interior que permite à árvore de se comunicar entre os seres vivos sendo demonstrada de forma diferente, basta darmos espaço, abriremos nosso coração e cremos que ela fala conosco e precisamos estar preparados para o que ela pode dizer, precisamos ouvi-la.

Eu indago a mim e as minhas colegas, o que será que ela gostaria de nos falar? Será que árvore gostaria de falar apenas dela? Ou observando a nossa situação política, acadêmica, social ela falaria sobre a importância de se debater temas, e quais temas ela elegeria para debates? Quais reflexões e lições ela nos traria? Pensando nessas perguntas as acadêmicas falaram sobre o que elas como árvore falaria para as pessoas que passam ali.

A Terra escolhe a palavra sustentabilidade, onde daria conselhos sobre o Meio Ambiente e sobre como preservar ele, afinal é a nossa casa e se não cuidarmos dela ninguém fará isso por nós. A acadêmica Terra se atenta para os recursos existentes não renováveis que quando acabam não tem como recuperar, ela expressa um discurso voltado mais para natureza e cuidado de forma em geral.

Eu sempre as lembrava que árvore não é e nem representa apenas o verde, a natureza, ela pode pensar para além de sua forma física e por dentro ela pode ser o que ela quiser, ou seja, pensar na militância dos professores em buscar um ambiente de trabalho mais seguro, da luta da juventude por mais espaço na sociedade, ela pode falar sobre a importância das minorias terem sua representatividade assim como ela, enfim muitas opiniões importantes, mas que nem sempre tem sua atenção para a Natureza.

Ao pensar como sobre o que a árvore falaria as Acadêmicas expressaram:

“A árvore teria uma fala de revolta por causa dos rumos que as coisas têm tomado, o nível de degradação ambiental que a gente se encontra, com certeza sua fala traria muita insatisfação, indignação e revolta”. Terra.

“Eu acho ela tão triste (sobre a árvore), que parece que grita constantemente por socorro. E se ela pudesse falar seria mesmo esse discurso de revolta, tristeza, acho que ela pediria por mudança para melhor, mas eu não observo só ela tem as outras árvores que também parecem bem triste”. Afirma Vento.

O que predominou em mim foi o sentimento de tristeza ao vê-la solitária, acredito que ela não falaria tanto por si e sim para olhar as suas companheiras, e vê-las como seres vivos que querem ser tratadas com respeito, principalmente aquelas que estão tão solitárias quanto elas que vivem nos quintais e entre os prédios.

Eu me senti até um pouco culpada por não ter me atentado neste lugar tão perto de mim antes, nem me dava conta o tamanho do estacionamento da Universidade, minhas colegas expressaram concordar comigo ao expressar o que eu estava sentindo naquele momento. A Terra, diferente de mim, sabia que o estacionamento tinha várias árvores só que nunca tinha olhado como o exercício que fizemos e o Vento, assim como eu, nunca tinha ido naquele lugar.

Me fazendo refletir sobre nossa formação temos tantas atividades durante nossa vida acadêmicas e muitas delas são em escola e isso nos prende muito nas paredes da escola, me fazendo questionar se o papel do professor de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental tem como função apenas ensinar dentro da sala de aula pois foram poucos os professores que trabalharam esse exercício de parar, sentir, observar junto conosco.

Mas eu acredito nessa desconstrução que me propus, nesse experienciar, sei que não é um movimento fácil e que não acontece de uma hora para outra já que isso está incutido no que somos e na forma que fomos sendo formados. Araújo (2008, p. 70) diz que “é necessário reinventar a vida ao vivê-la, transformando-a, experimentando suas inúmeras possibilidades” para que haja esse movimento do (des)caminhar, se incomodar com o que está posto.

Entre conversas o Vento indagou: será que esta árvore está mais descuidada por estar mais escondida? Pois as árvores que estão mais próximo da entrada se mostram mais vividas, cuidadas, com folhas bem verdes.

Me fazendo lembrar de um trecho do poema de Mia Couto (2008, p.53) onde ele diz que “Uma estrada é deserta por dois motivos: por abandono ou por desprezo”, e eu discordo não existe apenas esses dois motivos talvez ninguém se permitiu encantar-se pela nossa Anfitriã e as possibilidades que ela nos tem a oferecer.

Coisa que até então não tínhamos percebido, nos fazendo refletir sobre o tratamento delas, será que é diferenciado? E como tratamos as disciplinas ao qual vamos ministrar para nossos alunos? Será que terá esse tratamento

diferenciado? As disciplinas mais perceptivas como Língua Portuguesa e Matemática terão tratamento especial, enquanto o Ensino de Ciências será mais esquecido? Será que a Língua Portuguesa e Matemática possui um tratamento diferenciado ou só é dado mais tempo?

2.3.4 (DES)OLFATO

Um tema aparentemente “fácil” de se trabalhar, mas como eu poderia fazer esse exercício de desconstruir o odor? E ao lembrar no começo da atividade onde se confundiu o cheiro do lixo com o cheiro das mangas podres, motivou nosso olfato a reconhecer este odor pois estamos tão acostumados que nenhum cheiro mais nos surpreende, por exemplo é difícil lembrarmos qual foi a última vez que nós ao acordarmos abrimos a janela e respiramos bem fundo sentindo o cheiro do orvalho da manhã, do capim molhado, o vento, o cheiro da folha, das flores.

Como expressa Manoel de Barros (2018, p.28),

[...] que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós[...]

Com o tempo vamos perdendo esse encantamento em pararmos para valorizar o simples cheiro da manhã e quando damos importância a algo isso passa a se incorporar em nosso ser. Dessa forma, podemos indagar:

Quais odores que ela (nossa Anfitriã) tem sentido durante todo esse tempo em que esteve aqui? Fumaça, Comida do R.U., cheiro de gasolina dos carros que passam por ela todos os dias? São esses mesmo odores que fazem parte do nosso dia-a-dia e não nos causa mais revolta, indignação, não nos questionamos mais de onde vem e para onde vai, esse cheiro que não nos traz mais paz, esse tipo de cheiro carregado de sentimento seja a brisa da manhã, o cheiro das flores, cheiro do bolo da vovó, nós somos nosso cheiro e o cheiro do outro (GULLAR, 2013) que não se valoriza mais dentro do nosso íntimo.

Ao construir esta atividade, eu pensei no olfato como uma extensão de nós, do nosso corpo já que ela tem a capacidade de sentir o que os nossos olhos

não são capazes de fazer, por isso eu pedi que as acadêmicas fechassem os olhos e respirassem devagar a quantidade de vezes que fosse necessário, além de ser um ato quem acalma o corpo e a mente ele nos permite sentir com os olhos fechados cada coisa a nossa volta seja ela visíveis e invisíveis.



Figura 14: Acadêmicas olfatando o ambiente.

Fonte: Mônica Costa, 2018.

Ao fazerem isso e olhando a partir da árvore escreveram quais os odores que ela está sentindo, tentando identificar nessa mistura de odores cada cheirinho. Olfatando para além da fumaça que muitas vezes predomina e não nos permite identificar outros odores.

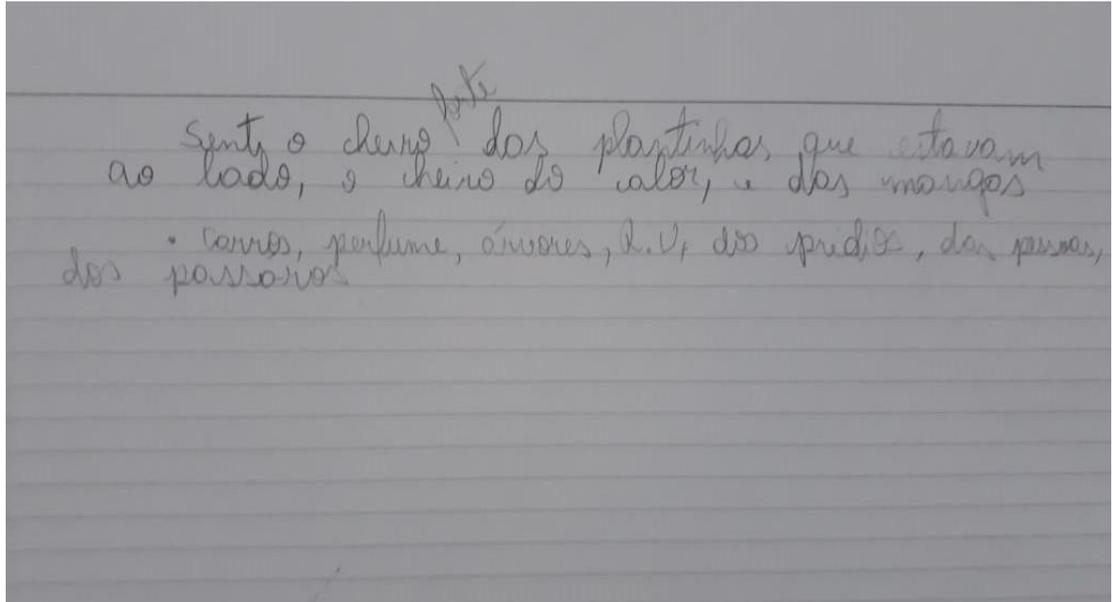


Figura 15: Registro escrito da Acadêmica Vento dos odores que a árvore tem sentido.

Fonte: Fabíola Batista, 2018.

Vento disse que: “Senti o cheiro forte das plantinhas que estavam ao lado, o cheiro forte do calor, e das mangas.

- Carros, perfume, árvores, R.U., dos prédio, das pessoas, dos pássaros.”

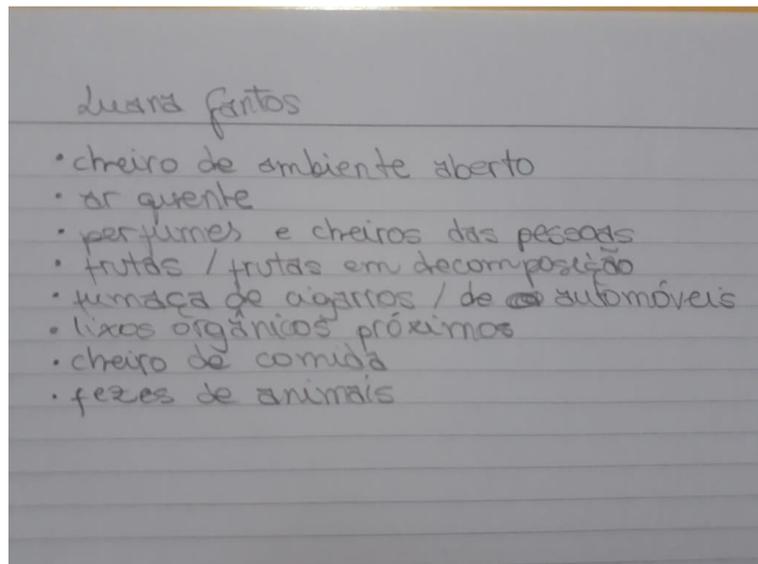


Figura 16: Registro escrito da Acadêmica Terra dos odores que a árvore tem sentido.

Fonte: Fabíola Batista, 2018.

Terra disse que:

- “cheiro” do ambiente aberto
- Ar quente

- Perfumes e cheiros das pessoas
- Frutas/ frutas em decomposição
- Fumaça dos cigarros”

Eu vejo o olfato como uma extensão capaz de visualizar o que os olhos não são capazes de fazer, o olfatar está ligado não só o local em que estamos inseridos, mas as nossas concepções pessoais, aciona a memória, e mexe com o nosso interior. Todos esses odores que as Acadêmicas sentiram e escreveram são cheiros que em dias de distração não paramos para senti-la, isso me fez refletir quantos outros odores foram se perdendo sem que fosse percebido por mim e por outras pessoas que por ali passam todos os dias, e agora penso ainda mais em parar fechar os olhos e ver através do olfatar todos os segredos presentes ao meu redor.

2.3.5 (DES)SABOR

Um dos exercícios mais difíceis para mim foi a (des)construção do paladar tanto na construção da atividade quanto na aplicação da mesma, pois eu estava tão acostumada a definir o paladar a partir do gosto que conhecemos, mas esse movimento não considerou apenas o doce, salgado, amargo e outras infinitudes de sabores ao qual estamos acostumados. Esse (des)sabor busca o gosto que sentimos quando Experienciamos algo, então qual seria o sabor da resistência? Qual seria o sabor do medo? Qual o sabor de segurar um filho? Qual o sabor de se estar num lugar onde muitos querem suas raízes fora daí?

Então compreendi que o sabor é uma peculiaridade específica voltada a sensibilidade de cada um, a nossa identidade, e existem palavras que representam esse sabor como a escolha que todos os dias decidimos o que iremos provar, de Resistência e Luta onde as pessoas fazem greve de fome para conseguir atingir seus objetivos, trabalho das pessoas que são empregadas nessa indústria.

E a árvore que está aqui como ela olha os sabores ao qual é exposta? O que consegue sentir? As drogas? Cerveja que as pessoas derramam quando tem festa? Fumaça dos carros? Café do guarda? Resto de comida do R.U.? Concreto que a reverte? A tinta usada para pintar este concreto?

Então buscamos em nossa memória as infinitas possibilidades de sabores que ela já absorveu por meio do seu solo. Esses mesmos sabores que se tornaram tão comum para a nossa Anfitriã e que não nos causa mais estranhamento e nem revolta.

A partir disso pensamos em como será que esses sabores podem ser representados? E em seguida as acadêmicas usaram massinha para esculpir algo que represente esses sabores.



Figura 17: Acadêmicas esculpindo a representatividade do sabor sentido pela árvore. Fonte: Mônica Costa, 2018.

Na minha formação acadêmica, fui construída para sempre ter um senso crítico das coisas e para ter consciência que quando pedimos para que alguém represente algo a partir da forma como ele interpreta um ponto de vista não existe o movimento de errar, e mesmo assim eu consegui ver a preocupação em suas fronteiras, como se questionassem: Será que a escultura que farei representará o sabor que a árvore sentiu? Esse sentimento é totalmente normal, estamos sempre atender as expectativas do outro, seja no momento de desenhar, falar, escrever deixando o movimento mais difícil.

Como Mia Couto (2016, p.32), expressa em seu poema que diz,

Na escolinha, a menina, propícia a equívocos, disse: — Masculino de noiva é navio. Repreenderam, riscaram, descontaram. Mas ela estava certa. Noivados são mares de barcos pares.

Onde nos mostra que não existem respostas erradas, apenas interpretações diferentes de uma determinada coisa, e mesmo assim insistimos no medo de errar pois eu mesma me questionei algumas vezes sobre esta atividade, será que atende os requisitos para se propor um experienciar no Ensino de Ciências?

A resposta veio como um insight, se eu me preocupar demais com isso eu teria me fechado para essas possibilidades de construção e (des)construção que surgiram durante o exercício como o calango que apareceu na árvore, a manga que caiu da árvore, os passarinhos cantando, as mudas sendo plantadas, tudo isso fora ações imprevistas presentes no exercício e que ajudaram no nosso olhar a partir da árvore, olhar esse espaço não-formal com infinitas possibilidades.

Deixando um pouco de lado esse medo de errar que as Acadêmicas fizeram suas esculturas.



Figura 18: Escultura da Acadêmica Vento.
Fonte: Mônica Costa, 2018.

Quando solicitei que explicasse seu desenho a Acadêmica Vento disse: “Como a árvore sente muitos sabores, ela acredita que cada cor é um sabor que ela tem acesso e nada melhor para representar isso que um arco-íris que é a composição de várias cores”.

Depois de sua explicação, eu percebi que a sua natureza sempre vai estar presente em tudo que pensarmos a partir dela (a árvore) e ignorar isso é negar quem ela é e do que é feito, apesar de não está muito relacionado com a escolha dos pseudônimos como conceito de natureza e sim de significado que ela traz, ao usar o arco-íris a Acadêmica Vento colocou todo o seu sentimento em cima dessa escultura, eu vejo que apesar dela ter visto a árvore triste dentro de si existe esperança, afinal depois da tempestade sempre vem o arco-íris trazer esperança e luz.



Figura 19: Escultura da Acadêmica Terra.
Fonte: Mônica Costa, 2018.

A acadêmica Terra disse que “além das folhas, galhos e troncos ela sente os sabores principalmente pelas raízes”. Eu me questiono o que mais essas raízes podem significar, pois além de saborizar a terra se fortalece, pois, suas raízes trazem nutrientes necessários para sobreviver e transforma esses

sabores ditos “humanos” em benefício, então nessas raízes existem também muita luta para se fazer presente ali.

Enquanto as acadêmicas iam concluindo a escultura perguntei delas se tinham alguma ideia de onde seria a atividade que realizamos e para minha surpresa nenhuma das duas pensaram no estacionamento como um possível local. Que possamos nos inspirar nas crianças que indagam, estranham, inovam e não se contentam com a repetição.

Eu escolhi pergunta-las ao final da atividade pois depois de tudo que experienciamos naquele lugar foi uma forma de eu saber o quão surpresa elas sentiram ao perceber que poderíamos sim realizar algo em lugares já rotineiros e que isso serve de motivação para, principalmente, eu lembrar que só porque estou acostumada com aquele espaço não quer dizer que ele não tenha possibilidades do novo, do inesperado, da oportunidade do sentir.



Figura 20: A pesquisadora em suas considerações finais no Exercício.
Fonte: Mônica Costa, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Agora não quero saber mais nada, só quero aperfeiçoar o que não sei”
Manoel de Barros

A pesquisa me permitiu refletir a maneira como no meu processo formativo tenho tratado o Ensino de Ciências, seja ela sociais ou naturais e seus conteúdos. Pensando nisso eu gosto sempre de lembrar do que Nóvoa (1997) diz sobre a maneira como vemos a disciplina reflete na forma como a ensinamos, senti o peso dessas palavras quando percebi que muitos acadêmicos convidados para participar da atividade não se permitiram abrir para esse universo que é Ensinar Ciências.

Na verdade, não os culpo, o movimento proposto é difícil, ainda mais quando já estamos condicionados a pensar o Ensino de Ciências com seus conteúdos e métodos memorísticos. Eu mesma senti muita dificuldade na construção da atividade pois antes de pensar nas possibilidades que o olhar a partir da árvore poderia me proporcionar, eu tive que pensar a partir também do Ensino de Ciências e me indagar como ela gostaria de ser ensinada para as pessoas? Será que está satisfeita com a forma que lidamos com ela?

Isso motivou minha pesquisa para dentro deste exercício proposto no qual busquei parar, sentir, refletir, me (des)construir dos conceitos em mim já fechados, ou seja, me abrir para a possibilidade do Experienciar dito tantas vezes por Larrosa (2002), que busca esse movimento de abrir mão da ideia do sujeito como um ser completo para o mar de possibilidade que essa Exper(ci)encia pode nos mobilizar.

Vale lembrar que meu objetivo geral foi Compreender como os espaços não formais podem atuar como Experiência na minha formação quanto professora e os objetivos específicos foram: narrar os episódios das minhas vivências no Ensino de Ciências a partir do conceito de Experiência em Jorge Larrosa; Descrever uma atividade em um espaço não formal como exercício de uma constituição docente como experiência. Que foram alcançados com bastante satisfação, estranhamento e (des)construção, e ao narrar minhas vivências eu entrei em contato com a Pesquisa Narrativa Inventiva onde fui capaz me desafiar ao me expor e em cima disso construir um exercício que me fez

(re)pensar a forma como eu ensinava para meus alunos, refletindo também na forma como eu vinha sendo formada dentro da Universidade.

Nesse sentido, a atividade se configura como um espaço (des)formativo de uma professora de Ciências, que está mais atenta e sensível a um encontro consigo e com o outro nos processos de aprendizagem.

Essa atividade foi realizada em um espaço não formal muito conhecido pelas acadêmicas e pouco aproveitado e, isso serviu para que eu compreenda como esses espaços podem ser utilizados para ensinar as ciências e ao mesmo tempo desmistificar a divisão desses lugares, entre os considerados “ideais” e os lugares comuns sempre presente na rotina.

Visto que a Experiência foi uma relação entre nós com a Árvore, participar da atividade não foi o mais importante, mas sim a relação que tivemos com ela, a voz que eu quis ser ouvida não foi a que categoriza, mas a que organiza, expõe e se deixa expor, interpreta, afetiva, evidenciando as vozes dos Acadêmicos e da árvore entre os movimentos que fizemos (GONÇALVES, 2000).

Após concluída a atividade eu pude reafirmar o quanto esses movimentos de (des)caminhar, o parar, refletir e indagar é importante para nós professores futuramente recém-formados, eles nos possibilitam abrir o nosso olhar para o novo, não apenas à novidade, mas também para o que está invisível e transformá-lo em algo atraente e também nas mais encantadoras formas de Experienciar juntos com os nosso alunos.

Sempre buscando usar os espaços não-formais de forma de incentivar nossos alunos a pensar que todo lugar pode ser mobilizador e educativo, valorizando a disciplina de Ciências e ensinando com meios que mostre a elas que tudo em nossa volta é passível de conhecimento e/ou estranhamento.

Em decorrência disso, eu espero que minhas colegas Acadêmicas trabalhem esses movimentos que fizemos continuamente, pois esses momentos não foram construídos para guardarmos apenas dentro da gente, mas para passar adiante tudo o que foi refletido, pensado e experienciado, (GONÇALVES, 2000), passando adiante através do processo narrativo que contribui para a construção de conhecimentos sobre nossa formação e desenvolvimento profissional de professores de Ciências para aqueles que não puderam está junto conosco.

Posso afirmar que os modos de ver Ensino de Ciências e a minha formação acadêmica mudaram, e hoje quando olho algo não me vem mais a cabeça conteúdos por traz dele e sim o quanto de história ele presenciou. (Des)aprendi a me contentar com os modelos prontos, a lugares cômodos e rotineiros, sinto a necessidade de parar e respirar como se esses movimentos fossem combustíveis para um dia inspirador.

Criar uma atividade que me (des)construísse foi difícil e dolorido, a final nunca é fácil você trilhar um caminho novo você nunca sabe o que esperar e confesso que esperei coisas simples, mas o que eu pude sentir e Experienciar foram autoformativos e no fim da atividade o que senti foi orgulho de ter proporcionado essa sensação também para minhas colegas Acadêmicas.

A autoria da Narrativa de certa forma foi compartilhada, pois minha pesquisa não foi sobre os acadêmicos e sua forma de ver e sim olhando com eles levando em consideração suas falas e opiniões, me possibilitando a reflexão da forma que vejo, penso e falo, exercitando o olhar para minha formação acadêmica quanto professora. Uma das problemáticas que mais pude perceber é que ao saímos da Universidade sempre buscamos seguir exemplos, eu senti isso no meu primeiro trabalho, e muitas vezes os que não são tão bons assim, então queria incentivar desde já a capacidade de refletir, indagar e ir contra essa metodologia tão técnica presente hoje nas escolas.

Quando penso no que vi logo me remeto ao olhar que temos em relação ao Ensino de Ciências, que assim como a árvore do exercício, que foi deixada de lado e no momento da atividade foi reconhecida como um ser vivo, eu irei dá força para que eu passe aos meus alunos essa Ciências viva, espirituosa, significativa, inspiradora.

A árvore me permitiu ver não só o Ensino de Ciências, mas a vida de um novo ângulo me fazendo refletir o quanto de coisa deixamos passar por ter se tornado banal à nossa rotina, normal, chato, ela me ensinou a questionar e pensar em outras possibilidades, a não me acomodar com o que parece ser fácil e pronto, buscando atender a essência e o sentido do que eu ensinar. E assim, dando visibilidade, valorizando, dando força e espaço para o Ensinar Ciências se reinventar, experimentar, sentir o que ela propor possibilitar no seu exper(ci)enciar.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, R. M. R. de. **Reflexões sobre Ensino, Aprendizagem, Conhecimento...** in: **Revista de Ciência & Tecnologia**. Piracicaba – SP: Editora UNIMEP, Ano 2, Nº 3, Julho/1993.

ARAUJO, Adalice Maria de. **Franklin Cascaes, O mito vivo da Ilha (mito e magia na arte catarinense)**. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2008.

BARCELOS, Valdo. **Educação Ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros/ iluminuras de Martha Barros**. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

_____. **Memórias inventadas**. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

_____. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

CHAVES, S. N. **A construção coletiva de uma prática de formação de professores de ciências: tensões entre o pensar e o agir**. Campinas: FE/UNICAMP, 2000. (Tese de Doutorado)

RODRIGUES, Luciane de Assunção. **Confissões de um jaleco: metamorfoses e resistências!**. CHAVES, Silvia Nogueira; BRITO, Maria dos Remédios de (org). **Formação, Ciência e Arte: (autobiografia, arte e ciência na docência)**. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

COLASANTI, Marina. **O pequeno livro das grandes emoções** – p. 53 – 54. Brasília : UNESCO, 2009.

COUTO, Mia. **Tradutor de Chuvas**. 3. ed. Editorial Caminho, 2011

_____. **Poemas Escolhidos**. São Paulo, SP: Ed. Schwarcz S.A., 2016

CUNHA, Maria Isabel da. **CONTA-ME AGORA! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. **Rev. Fac. Educ.** vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A.P. **Metodologia do Ensino de Ciências**. São Paulo: Cortez, 2000.

DOEDERLEIN, João. **O livro dos ressignificados**. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2017.

GONÇALVES, Terezinha V. Oliver. **A pesquisa narrativa e a formação de professores: reflexões sobre uma prática formadora**. CHAVES, Silvia e BRITO,

Maria dos Remédios. (Orgs). **Formação e docência: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica**. Belém: CEJUP, 2011.

GONÇALVES, Terezinha V. Oliver. **Ensino de Ciências e Matemática e Formação de Professores: marcas da diferença**, 2000, p. 35 (Tese de Doutorado – UNICAMP/FE).

GULLAR, Ferreira. **Muitas Vozes**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica**. Em extensão, Uberlândia, V.7, 2008.

LARROSA, Jorge. **EXPERIÊNCIA E ALTERIDADE EM EDUCAÇÃO**. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.19, n 2, p. 04 – 27, Jul./Dez. 2011.

_____. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr, nº. 19, 2002.

_____. Tecnologias do eu. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emília**. São Paulo: Brasiliense, 1950. 120p.

MENEZES; SALGADO; SIÇVA, Jéssica Cardoso; Gabriele Nigra; Elienai Pudanoschi. **As Árvores Protagonizando Histórias no Ensino de Botânica**. PA – Belém, 2018.

NAVES, Rodrigo. **O silêncio do mundo**. In MAMMI, L.; SCHWARCZ, L. M. (orgs.) **8 X fotografia: ensaios**. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

NÓVOA, A. (org). **Vida de Professores**. Cidade do Porto: Porto Editora, 1992.

PERISSÉ, Gabriel. **O valor do professor**. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

ROCHA, Sônia Cláudia Barroso da; TERÀN, Augusto Fachín. **O uso de espaços não formais como estratégia para o Ensino de Ciências**. Manaus: UEA/ Escola Normal Superior / PPGEECA, 2010.

POE, Edgar Allan. **Obra Poética Completa**. Edições tinta-da-china, Lda, Lisboa, 1ª edição: Março de 2009.

WUNDER, Alik. **Fotografias como exercício de olhar**. 29ª Reunião Anual Anped, GT16, Caxambu, 2006.

ZANCO, Janice. **Dona Generosa e as crianças disparam... outros modos de ver a Lagoa do Peri** [dissertação] / orientador, Leandro Belinaso Guimarães. - Florianópolis, SC, 2010.

APENDICE

O caminho da desconstrução inicia-se com o **(des)caminhar** da praça até o encontro com a Árvore. Ao nos reunirmos na praça da Escola Normal Superior será solicitado que todos entreguem qualquer objeto que sirva para marcar o tempo, sendo guardado dentro de uma caixa para aproveitarem ao máximo da atividade e evitar distrações.

De forma descontraída, nós caminhamos até o local onde a Árvore está, nos instigando a criação no Ensino de Ciências e de forma inesperada chegamos ao local e nos colocamos diante de nossa anfitriã. Esta nos convida a olhar sobre outros pontos de vista, outras perspectivas, para além do olhar do graduando.

No primeiro momento, os acadêmicos que participarão da atividade são indagados por mim sobre o modo como olham a árvore.

- Você, como graduanda do curso de Pedagogia, futura professora do Ensino de Ciências, que tantas vezes já passou por aqui, como veem essa árvore e seu papel para/no Ensino de Ciências a partir do uso de espaços não formais, vocês conseguem imaginar alguma possibilidade de ensinar ciências tendo esta árvore como ponto de partida?

Neste momento, convidamos os acadêmicos a realizarem um outro movimento: olhar para a Árvore e a partir dela (re)significar o Ensino de Ciências nos espaços não formais. Escolhemos como conteúdo OS CINCO SENTIDOS, assunto tão comum no Ensino de Ciências, o qual é apenas ensinando às crianças, os órgãos responsáveis, a função, os cuidados necessários, as características, a localização e diferenças entre eles. Aqui queremos propor um momento no qual tal conteúdo seja pensado a partir da Árvore, a partir de um ponto singular, menor, mais marginal, micro.

Começamos a atividade. É válido lembrar que o ouvir é uma das formas de sentir e o movimento do **(des)ouvir** que seria a (des)audição estará presente em todos os outros movimentos que faremos: por que quando falo em audição, logo definimos o ouvir como algo banal, superficial, relacionando o ouvir com o falar? Por que não utilizamos outras compreensões que esse (des)ouvir pode

nos proporcionar? Como esse processo vai refletir na minha formação? São questões que sempre me passam.

Quando olho para a árvore como outro ser vivo me questiono e são perguntas que as acadêmicas também serão indagadas: O que a Árvore ouve nesse lugar em que ela está? Ao escolher a Árvore, como centro das descrições nos conectamos ao que ela pode ouvir dentro dessa imobilidade em que se encontra.

Pensaremos nas possibilidades de coisas que seus ouvidos ouviram, seremos, de certa forma, a Árvore (des)ouvindo. Refletiremos as infinidades de coisas que ela já ouviu inclusive com a ajuda dos outros sentidos. Queremos começar a atividade justamente por ele, o **(des)ouvir**, pois vivemos num mundo que não valoriza a escuta, a atenção ao outro, pois todos têm muito a falar, postar, cantar, gritar. Mas se a árvore pudesse ouvir, o que ela tem escutado aqui nesse lugar? Quais as histórias, desaforos, confissões a árvore ouviu? A partir disso, olhando para mim como alguém que valoriza e escuta o silêncio dos “excluídos e desajustados”.

Em seguida faremos o movimento de **(des)ver** que seria a visão, que vai além do que vejo, o que eu observo quando olho para a Árvore, faremos o reverso do que estamos acostumados, seremos a Árvore a olhar. Os acontecimentos em nossa volta e a vida das pessoas? Sorrisos no rosto, olhares vorazes de preocupação, em alguns dias com muita animação? As pessoas com fome indo saciar-se no RU? Encontros, correria, suspiros de alívio. A juventude indignada? Que cria formas de lutar para tudo aquilo que está posto? Mas que por não ser acostumada a pensar por si própria, escolhe a primeira forma de rebeldia ao seu alcance?

Ao ficarem de costa, elas desenharão alguma visão da Árvore. A dinâmica de olhar a partir da Árvore que muitas vezes é esquecida e destrutada pela sociedade que convive com ela dia após dia como as Ciências são tratadas pela sociedade. Será mostrado através do desenho só com lápis, um desenho em preto e branco, para quebrar com a ideia do verde, da natureza sempre atrelada ao Ensino de Ciências.

O próximo movimento que faremos é o **(des)sentir** que será o tato que vai além do simples tocar. O (des)sentir é o toque de conforto, de afago, de resistência da juventude que lutar por seu lugar. O que a Árvore tem

(des)sentido? Novamente eu reflito no meu papel aqui, será que é de apenas envolver as acadêmicas com a Árvore? Ou juntos vamos pensar como a árvore que está aqui? O que ela está sentindo neste momento em que estamos ao seu redor? Quais seus sentimentos em relação às pessoas que estão sempre passando por ela? Solidão? Medo? Raiva? Revolta? O sentimento é a forma mais forte de expressar como me sinto por dentro, ela mostra como sou e o que busco ser. Dessa forma ganhamos impulso para o próximo movimento. Para registrar o que estão sentindo registraremos por meio de uma fotografia aquilo que a Árvore sente. Fazendo uma expressão facial ou corporal para demonstrar isto.

O **(des) falar** será o falar que vai além da voz ouvida, mas dando espaço para a voz dita, sentida sobre aquilo que a Árvore poderia nos dizer. Observando o movimento de ir e vir das pessoas, podemos refletir sobre o que a Árvore gostaria de nos dizer. Que pedidos ela nos faria? Que assuntos elegeria para o debate? Com tudo o que ela viu e ouviu, quais as lições ela gostaria de compartilhar?

E neste instante de pensamento e reflexão, as acadêmicas falarão sobre aquilo que a Árvore quer dizer. Isto poderá ser feito através de uma frase, uma palavra, uma citação que represente esse discurso da Árvore, já que falar também está ligado ao ouvir, e quem ouve também fala, mas quem fala nem sempre está disposto a ouvir. Para registrar esse movimento, faremos uma gravação do áudio da (des)fala da árvore.

Esse movimento busca mostrar aos acadêmicos e a mim uma nova forma de percepção que não seja através do olhar, mas o **(des)olfato** que será o olfato para além dos odores que já estamos acostumados diariamente como as folhas da própria Árvore, da terra que a mantém no solo.

Aqui, a Árvore pode descrever o cheiro de fumaça que não nos causa revolta, do cheiro agri-doce e suave que não nos causa estranhamento, do cheiro da brisa que não nos traz mais paz, luta e resistência, e já escrevemos, desenhamos, falamos, sentimos e agora chegou a vez de fechar os olhos e simplesmente parar para respirar calmamente, uma, duas e até três vezes a cada vez que inspiramos e expiramos tentamos identificar a mistura de odores presentes naquele momento, sempre indagando-os: o que ela está olfatando?

Para representar esses odores que estão dançando inquietos em nosso íntimo as acadêmicas escreverão o que a Árvore consegue sentir através do olfato.

Pensemos, qual o sabor da resistência? Qual o sabor do medo? Qual o sabor da violência? Qual o sabor de estar em um lugar onde muitos querem suas raízes fora dali? Aqui será o **(des)sabor** que será o paladar que não considera apenas o doce, o salgado, o amargo e outras infinitudes de paladares reconhecidos pela língua, mas que também pensa em outras formas de sentir.

O sabor é uma peculiaridade muito íntima estando muito ligada a sensibilidade e gostos específicos de cada um. Palavras como ESCOLHAS que fazemos ao decidir o que provar, CONCEPÇÕES DE VIDA, RESISTÊNCIA de pessoas que fazem greve de fome e LUTA são bem demarcadas no processo. Quando a Árvore que está aqui olha os sabores, o que consegue sentir? Os sabores das drogas? do café? da cerveja? da fumaça? dos alimentos do R.U. que muitas vezes é deixado por lá? da tinta e do concreto que a reverte? Para representar o **(des)sabor** os acadêmicos terão que utilizar a massa de modelar para criar um objeto que represente todos esses sabores sentidos pela Árvore.

Esse caminho de (des)construção não termina aqui, que essa atividade acenda o desejo em nós acadêmicos como futuros educadores de continuarmos nesse caminho de vivência, sentido, movimento de parar e refletir, e principalmente de ver com outros olhos as infinitas possibilidades que o Ensino de Ciências pode nos proporcionar na invenção de uma vida mais aberta, potente, mobilizadora.

ANEXOS

ANEXO I - MODELO PRONTO APRESENTADO POR ROCHA E TERÁN DE USO DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS

Áreas verdes

Com a turma do 5º ano-A acompanhamos o desenvolvimento do tema “Áreas verdes” onde a visita teve por objetivo: Conhecer uma área verde de Manaus e algumas plantas típicas da região amazônica e entender algumas relações ecológicas que acontecem na floresta. A atividade aconteceu da seguinte forma:

Preparação da visita: A professora usou a estratégia de aplicar um questionário para saber o que os estudantes já sabiam sobre áreas verdes, mas, como nessa turma já havia sido desenvolvido esse conteúdo, foram feitas várias perguntas específicas sobre situações que poderiam ser observadas no Bosque da Ciência, para estimular a curiosidade dos estudantes. Em seguida ela apresentou o roteiro de atividades e a pergunta norteadora explicando como se daria a visita para respondê-la. Ela mesma dividiu as equipes anotando os nomes dos integrantes e explicou que apesar da equipe trabalhar junta, todos teriam uma responsabilidade específica dentro do grupo e, portanto, caso deixasse de realizar sua tarefa prejudicaria os colegas. A professora encerrou a preparação falando das normas de comportamento no local e no ônibus, combinando como aconteceria o lanche e explicando o cronograma.

Realização da visita: Ainda na sala de aula a professora conferiu as equipes e precisou reorganizá-las porque alguns estudantes faltaram. Distribuiu o roteiro de atividades e repassou com os estudantes as atividades que seriam realizadas no local, as normas de comportamento, o cronograma e o objetivo da visita. Chegando ao Bosque, a professora reuniu rapidamente com os pequenos guias que iriam acompanhar o grupo e explicou o objetivo da visita e o roteiro de atividades, solicitando que eles os conduzissem considerando esses aspectos. Depois reuniu mais uma vez com os estudantes pediu que permanecessem juntos e que não esquecessem o objetivo da visita. Foram pensadas quatro atividades intituladas de: 1ª) reconhecendo o Bosque da Ciência, 2ª) identificando as plantas, 3ª) o abraço da morte e 4ª) os animais e as plantas.

Na primeira atividade eles deveriam, à medida que caminhavam, fazer o mapa do percurso. Na segunda precisavam desenhar as plantas com suas características e anotar as informações das placas. Na terceira atividade deveriam observar o fenômeno de parasitismo vegetal conhecido como abraço da morte e como última atividade deveriam observar, ao longo do percurso, a interação entre animais e plantas. Essa turma estava bem tranquila e de modo geral envolveu-se na realização das atividades. A professora havia prometido que os estudantes poderiam observar livremente as outras atrações do Bosque da Ciência, desde que cumprissem as atividades, e assim o fizeram.

Encerramento da visita: Em sala de aula, a professora perguntou aos estudantes se haviam gostado da experiência de estudar no Bosque da Ciência. Todos expressaram satisfação com a experiência. Em seguida, ela começou a perguntar o que eles haviam aprendido, o que tinham gostado. Após ouvir as respostas, ela então explicou que eles iriam registrar o que haviam aprendido em cartazes. Nessa hora, houve certa confusão na sala porque alguns estudantes que haviam participado da visita faltaram, outros não haviam realizado sua parte nas atividades durante a visita e ainda, outros que não participaram da visita e seriam necessárias todas as informações para construir os cartazes. A professora chamou a atenção daqueles que haviam se responsabilizado e não cumpriram com as atividades, explicando que o grupo estava sendo prejudicado porque eles não haviam se comprometido com a proposta e, depois, reorganizou novamente as equipes. Resolvida a situação das equipes, a professora explicou a atividade, distribuiu cartolinas, pincéis e lápis de cor e pediu que eles comessem a fazê-la, mas não retomou a pergunta norteadora, por isso, os estudantes não estabeleceram relação entre a pergunta e a visita. O cartaz foi construído em forma de cartão, onde em cada face eles registraram os resultados de cada uma das atividades: na capa eles desenharam o Bosque da Ciência recorrendo ao percurso que haviam desenhado durante a visita; dentro do cartão, no lado esquerdo desenharam algumas plantas com suas características e as informações que haviam anotado das placas; no lado direito produziram um pequeno texto sobre as interações ecológicas que perceberam no Bosque da Ciência. Essa última atividade foi onde eles encontraram mais dificuldade. Quando todos terminaram a professora expôs os cartões em um mural onde todos puderam observar. Assim, ela fez o encerramento da temática “áreas verdes”.

ANEXO II - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Thais Nogueira de Jesus Teixeira,
declaro para os devidos fins que compreendi os objetivos do Projeto de Pesquisa e concordo com sua realização. Permito a divulgação de resultados, sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo e autorizo a utilização de registros fotográficos e /ou filmagens.

Manaus, 31 de outubro de 2018.

Thais Nogueira de Jesus Teixeira

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

ANEXO III – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Ana Karoline Garcia de Souza,
declaro para os devidos fins que compreendi os objetivos do Projeto de Pesquisa e concordo com sua realização. Permito a divulgação de resultados, sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo e autorizo a utilização de registros fotográficos e /ou filmagens.

Manaus, 31 de outubro de 2018.

Ana Karoline Garcia de Souza

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

ANEXO IV - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Ellys Luana Almeida dos Santos,

declaro para os devidos fins que compreendi os objetivos do Projeto de Pesquisa e concordo com sua realização. Permito a divulgação de resultados, sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo e autorizo a utilização de registros fotográficos e /ou filmagens.

Manaus, 31 de Outubro de 2018.

Ellys Luana Almeida dos Santos

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

ANEXO V - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Ana Paula Gomes de Melo,
declaro para os devidos fins que compreendi os objetivos do Projeto de Pesquisa e concordo com sua realização. Permito a divulgação de resultados, sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo e autorizo a utilização de registros fotográficos e /ou filmagens.

Manaus, 31 de Outubro de 2018.

Ana Paula Gomes de Melo.

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

ANEXO VI - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Sinquirid da Silva e Silva,
declaro para os devidos fins que compreendi os objetivos do Projeto de Pesquisa e concordo com sua realização. Permito a divulgação de resultados, sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo e autorizo a utilização de registros fotográficos e /ou filmagens.

Manaus, 31 de Outubro de 2018.

Sinquirid da Silva e Silva

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

ANEXO VII - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Athila Andrade Reis,
declaro para os devidos fins que compreendi os objetivos do Projeto de Pesquisa e concordo com sua realização. Permito a divulgação de resultados, sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo em participar do estudo e autorizo a utilização de registros fotográficos e /ou filmagens.

Manaus, 31 de outubro de 2018.

Athila Andrade Reis

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal